

zero

Curso de Jornalismo — UFSC
Florianópolis, abril de 1985.



BREVE AQUI:

DIÁRIO CATARINENSE

-o jornal da RBS em SC-

p. 7

**CRESCER MOVIMENTO
ECOLÓGICO EM
SANTA CATARINA**

p. 3 e 4

**E ao cinema,
alguém vai?**

p. 12

**E do rádio,
alguém lembra?**

p. 12

**E a UFSC ,
alguém visita?**

p. 10



É PRECISO REPENSAR

É verdade. São páginas modestas as que seguem esse editorial. Não o são assim, porém, por intenção. Nem tampouco, por desleixo ou incompetência. Seguramente, termos isolados não são capazes de reproduzir as condições inadequadas que nos foram oferecidas e sob a qual temos trabalhado nesses anos de Universidade. Ao menos, com honestidade, justiça e prescrição.

Não pretendemos nos apresentar como vítima das atitudes de um ou outro vilão. Não é fútil insinuar sem indicar, culpar sem julgar, responsabilizar sem contextualizar. E, lamentavelmente, o contexto educacional no qual estamos inseridos não é favorável ao desenvolvimento de um trabalho de qualidade, de talento, de respeito.

Reconhecemos as deficiências do nosso jornal, e não empreendemos com isso nenhum ato de heroísmo. Apenas tencionamos atribuí-las, e em grande parte, a fatores externos, cujo controle nos escapa e sobre os quais não possuímos muitas vezes, se quer clareza, dada a obscuridade que os encobre.

Agora que o ZERO está pronto, é necessário repensar em cima da estrutura de ensino que o concebeu e que é, sem dúvida, reservada a quase todos os estudantes que ingressam na

Universidade.

Os fatos que abordamos a seguir são a reprodução de um caso particular, mas que nem por isso deixam de representar uma situação generalizada.

Logo de início, nos deparamos

com um currículo defasado e pessimamente elaborado que previa a inclusão de disciplinas absolutamente dispensáveis e que, em conjunto, formavam um curso básico, no mínimo, de utilidade prática questionável.

Aliado a isso, enfrentamos ainda alguns problemas de ordem administrativa. A falta de recursos materiais é uma página de nossa "história" que não pode ser desprezada. Seus prejuízos foram significativos, muito embora não tenhamos fórmulas para mensurá-los com exatidão.

A realidade das greves dos professores, funcionários e estudantes não poupou a Universidade desastrosas consequências. Entretanto, pouco inteligente seria duvidar da urgência desses movimentos, movidos essencialmente pela necessidade de se transformar uma situação de prosseguimento impossível.

Como se isso não bastasse, encaramos o desligamento de alguns professores do Curso, fato que destimulou os alunos e sobrecarregou os professores restantes.

Todas essas dificuldades têm origem em um problema de dimensões muito maiores. O direcionamento comprometido de nossa política educacional faz emergir uma indagação: E justo responsabilizar professores e alunos isoladamente? Por tudo isso e apesar de tudo, o "ZERO" não merece nota zero. Ele cumpre, sem dúvida um vitorioso papel na história de nosso curso.

O resto é ilustração.



Pouco Dinamismo Leva Sindicato dos Professores a ser Acusado por Associados

Acusado por muitos de seus associados de ser um sindicato neutro e até mesmo inútil, o Sinproesc — Sindicato dos Professores do Estado de Santa Catarina — garante que as acusações feitas são completamente infundadas e que se o sindicato vai mal é sinal de que a categoria não está unida.

Fundado em 12 de junho de 1968, atingindo 108 escolas particulares e contando com aproximadamente 2.500 associados, o Sinproesc é constituído, conforme seu estatuto, "para fins de estudo, coordenação, proteção e representação da categoria profissional dos professores de todos os níveis e graus e com o intuito de colaboração com os poderes públicos". Porém, segundo os associados, isso não é seguido, já que o sin-

dicato atua apenas como órgão oficial e não funcional. A falta de dinamismo e criatividade para despertar o associado a uma participação efetiva, garantem, é a principal falha.

Antonio Bittencourt Filho, Presidente do Sinproesc, diz que os ataques não têm embasamento algum. Para ele, os professores deveriam utilizar o sindicato como uma arma às injustiças cometidas, trabalhando a seu lado, e não contra ele. "Acredito que o desinteresse e a falta de conhecimento das atividades desenvolvidas sejam passadas de empregador para empregado. Os patrões e diretores têm receio e por esse motivo usam uma série de artimanhas para afastar os professores do sindicato. Mesmo assim, já fizemos e vamos continuar fazendo o

que estiver ao nosso alcance para torná-lo o mais representativo possível".

Bittencourt acredita que, com as vitórias conseguidas pela atual diretoria, as acusações tornam-se ainda mais absurdas. "Por exemplo, dia 17 de abril do ano passado, através de ato do Ministro do Trabalho, deu-se a assinatura de documento garantindo a atuação do sindicato com base territorial para todo o Estado catarinense, com exceção dos municípios do sul (Criciúma, Tubarão, Laguna, Urussanga, Araranguá e arredores) por ser considerada área organizada. Até então, o sindicato vinha sendo denominado por Sinpro — Sindicato dos Professores de Fpolis, desenvolvendo atividades somente para a área municipal da capital.

Além disso, dia 10 de novembro de 84,

foi realizada uma Assembleia para estudar a criação da Federação dos Professores do Sul, contando com representantes de outros sete sindicatos: RS, Criciúma, São Leopoldo, Londrina, Curitiba, Ijuí e Porto Alegre.

Várias assembleias estão sendo feitas, para resolver a questão dos salários e das condições de trabalho para este ano. "A participação do sindicato tem sido assídua quanto a esse problema" comenta Bittencourt.

"Apesar de todo nosso esforço para integrar a categoria a participação dos associados é bastante deficitária", diz Bittencourt. "Basta conferir o número de participantes das assembleias que já se tira uma ideia. Além disso, temos 500 associados pagantes e 2.000 não pagantes, o que comprova melhor o quadro da falta de interesse. Nosso principal objetivo, como o de todo sindicato, é lutar por melhores condições de salário e de trabalho, mas sem o apoio dos professores, trazendo os problemas internos de cada escola, para que procuremos juntos uma solução a luta torna-se muito difícil.

Indagado sobre a falta de oposição à atual diretoria, que já está no segundo mandato consecutivo, Bittencourt disse que isso é mais um espelho da situação. "Se os associados mal sabem o que é o sindicato, como podem se candidatar a algum cargo? Como podem querer mudar uma situação que sequer conhecem? Para eles tanto faz qual quer diretoria, já que não estão vinculados à atividade alguma".

EXPEDIENTE

"Zero" é uma edição-laboratório da 6ª fase do curso de Comunicação Social-Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Março de 1985. Tiragem: 1.000 exemplares. Circulação: Campus da

UFSC. Distribuição gratuita.

Redação — Colombo, João, Gilson, Cleber, Sandro, Ani, Silvana, Eduardo, Artemio, Zeca, Alvaro, Ricardo, Gerson, Daisi e Irene (Redatores, repórteres, edito-

res e diagramadores de Jornalismo Gráfico e Edição e Ilustração). Professores responsáveis: Ayrton Kanitz, Cesar Valente e Luiz Lanzetta. Diagramação final: Jucelia Fer-

nandes. Ilustrações: Sandro Shiguefuzi e Clóvis Medeiros. Capa-Irene e Daisi.

Este jornal foi composto e impresso nas oficinas de "O ESTADO". Rodovia SC-401, Saco Grande, Florianópolis, SC.

Consciência ecológica aumenta na Ilha

Ecologia: você sabe o que é isso? Temendo que a população não saiba responder convenientemente a esta indagação, os membros do MEL-Movimento Ecológico Livre de Florianópolis — resolveram abrir um amplo debate sobre a questão, movidos por sugestão do professor Viola, da Universidade Federal de Santa Catarina em uma de suas reuniões. Ele será realizado durante os dias 8, 9 e 10 de maio, às 20h, no Centro de Convivência da UFSC e pretende motivar especialmente os estudantes universitários.

Mas, em maio, os membros do Mel pretendem ir mais adiante. Eles querem partir para a discussão de temas concretos, como a defesa do Parque da Lagoa do Peri, passando por aspectos da ecologia mundial e o Plano Diretor de Florianópolis. Foram eles, enfim, que mantiveram em pé — e foram eles que iniciaram também — a defesa organizada da Lagoa, hoje patrimônio público através do projeto Parque Franklin Cascaes, uma reserva ecológica que tem número na prefeitura: 1828, com data de 8 de dezembro de 1981.

AÇÃO CONTRA A PREFEITURA

"O movimento já entrou com uma ação contra a prefeitura da capital. O ex-prefeito Cláudio Ávila da Silva ignorou as reivindicações do grupo em detrimento do abandono do Parque do Peri e da aprovação do Plano Diretor dos Balneários", desabafou Yolanda Veiga, integrante do Movimento Ecológico Livre de Florianópolis.

No início da defesa, há cerca de um ano, formou-se uma comissão especial na Câmara, para estudar e aprofundar o Projeto de Lei que instituiu o Parque. O atual prefeito de Florianópolis, Vereador Aloísio Piazza do PMDB, foi quem sugeriu a formação dessa comissão, composta de vereadores. "Mas de nada adiantou tudo isso porque ela não se manteve ativa no envolvimento da luta assumida unicamente pelo MEL", disse Yolanda lembrando a realização de quatro debates: dois na Assembleia Legislativa, um na Universidade Federal e uma Sessão especial na Câmara de Vereadores.

Essa Sessão foi longa e esclarecedora. Dezenas de jovens lotaram as dependências da Câmara. Numa projeção de slides a professora do departamento de geografia da UFSC, Neide Oliveira, provou o rebaixamento do nível da Lagoa, conseqüente

do canal aberto pelo DNOS; o desmatamento por madeiras clandestinas da última reserva de mata atlântica existente na ilha; as queimadas e o abandono da área; o assoreamento dos rios; a demarcação do terreno por cerca de arame farpado e a construção de casa, bombas de captação de água da Lagoa e estradas ilegais.

"Tudo isso trata-se de crime de alteração de local protegido pro Lei" garantiu o procurador do Estado Gilberto Rufino que participou da Sessão como integrante do MEL.

Acampamentos ecológicos na Lagoa, reuniões com moradores e manifestações no calçadão da Felipe Schmidt foram organizados pelo Movimento para despertar a consciência da população da ilha e mantê-la informada dos desdobramentos da luta que permanece viva, porque "Tudo

que fere a terra fere os filhos da terra" (Cacique Seatele).

PLANO DIRETOR DOS BALNEÁRIOS

A aprovação do Plano Diretor dos Balneários de Florianópolis, no dia trinta de novembro de mil novecentos e oitenta e quatro, depois de reuniões a portas fechadas durante uma hora e meia entre vereadores, legitimou o processo antidemocrático em que envolveu a discussão deste projeto", disse Yolanda, inconformada com a fixação do gabarito dos hotéis nos balneários em doze andares.

Segundo ela, a semana de votação do Plano Diretor dos Balneários transcorreu em clima de muita tensão. "Principalmente a última Sessão uma das mais vergonhosas que já aconteceram na Câmara.

Naquele dia trinta houve mais ataques pessoais entre os parlamentares do que propriamente a discussão do assunto em pauta. Os vereadores que iam à tribuna contrariar a aprovação do Plano, nem eram ouvidos pelos outros vereadores, que se retiravam da plenária. O abuso chegou ao ponto de a vereadora Clair Castilhos, que lançou a proposta da fixação do gabarito dos hotéis nos balneários em quatro andares, pedir ao presidente da sessão que convocasse os vereadores a voltar ao plenário".

Em meio a aplausos e vaia, dos jovens que lotavam a sessão, o Plano foi aprovado.

Esta decisão feriu os membros do MEL. Eles garantem que a falta de discussão e esclarecimento do Plano à comunidade da Ilha foi proposital, a fim de antecipar a sua aprovação".

O Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis, que criou o projeto explica que "ele foi baseado em Leis estaduais e municipais que levam em conta a preservação de dunas, mangues, fatores de declividade e pontas". Mas o MEL não está satisfeito.

"Ele é contra o Plano Diretor porque este não levou em conta a necessidade da população, atendendo, exclusivamente, interesses turísticos" — diz Yolanda. A construção de doze andares nas praias, segundo o Movimento, acarretará a poluição das águas, devido à inexistência de rede de esgoto e de infra-estrutura capaz de suportar a tais empreendimentos, além de representar uma agressão contra a paisagem do morro e das pequenas praias, verdadeiros marcos naturais da ilha.

Para dar ênfase ao protesto desenvolvido inicialmente na Câmara, o Movimento organizou uma manifestação com música, teatro e boi de mamão no calçadão da Felipe Schmidt, no dia doze de dezembro.

Nesse dia, vestidos de palhaço, os solitários integrantes do MEL conseguiram cinco mil assinaturas da população, que entregaram ao ex-prefeito Cláudio Ávila da Silva, na festa de inauguração do calçadão da travessa Ratcliff, onde se situa o mais famoso boteco da cidade, o Petit.

Dessa forma a população também protestou, demonstrando que, se chamada a participar, colabora. E o MEL, por tudo isso, tornou-se reconhecido por entidades, jovens e professores universitários. (Silvone Rocha).

Consumo de cachaça aumenta

No Brasil se bebe mais cachaça do que leite e o consumo de bebida alcoólica aumentou significativamente nos últimos vinte anos no País. Essas foram algumas das afirmações feitas pelo professor Waldomiro Dantas durante palestra sobre o alcoolismo e seus efeitos no organismo. Acrescentou que os dados estatísticos revelaram em 1982, 1 bilhão e 500 milhões de litros de cachaça consumidos, que "nos últimos dois anos o consumo aumentou ainda mais".

Durante a conferência, o professor do Departamento de Clínica Médica da UFSC destacou alguns fatores responsáveis pelo aumento no consumo, e responsabilizou os veículos de comunicação, que, pela publicidade, habilmente associam a bebida alcoólica, com as boas coisas da vida. Salientou as profundas mudanças sociais ocorridas ultimamente, onde servir uma bebida alcoólica no lugar do tradicional cafezinho, virou hábito.

MUDANÇAS DE COMPORTAMENTO

Waldomiro Dantas, ao abordar especificamente a questão da influência do álcool no organismo, explicou que não é o tipo de bebida alcoólica que determina a doença, mas sim, a quantidade de etanol que ela possui. Além disso, o álcool tem efeito direto nas doenças mentais e cardíacas; deficiências nutritivas (anemia) e transformações no aparelho digestivo, bem como



causa problemas respiratórios e efeitos imunológicos (infecção bacteriana).

Para o professor Dantas, os impostos arrecadados como a venda de bebida alcoólica, não compensa os graves danos que causa à saúde do indivíduo". Sublinhou que o consumo atua como uma forma de compensar os dissabores da vida e sugeriu que "sejam amplamente divulgadas as consequências maléficas como uma forma adequada de diminuir seu consumo".

Cubatão: Um problema que afeta a todos

PLANO RECUPERA CUBATÃO EM TRÊS ANOS, GARANTE PRESIDENTE DA CETESB

"Não tenho dúvida de que, em três anos, aquelas cenas dramáticas de Cubatão passarão para o registro da História, e que o grave problema da população será definitivamente resolvido", garantiu o presidente da Companhia Estadual de Tecnologia e Saneamento Ambiental do Estado de São Paulo (Cetesb), o engenheiro civil e sanitário Werner Zulauf.

O presidente do Cetesb afirmou que os problemas de Cubatão são muito sérios, e passam por soluções extremamente profundas. Afinal, disse ele, são 23 empresas que operam 111 fábricas, num espaço muito estreito entre o mangue e a Serra, em condições difíceis de abastecimento, muito ruins do ponto de vista de clima, além de indústrias antigas que se instalaram na região sem nenhuma preocupação com o ambiente. "Assim, acrescentou Zulauf, "a preocupação primeira foi de levantar o problema. Pas-

samos um ano e meio com uma enorme equipe, dentro de todas as fábricas, levantando e identificando todas as fontes de poluição, tanto a poluição das águas, como do ar e do solo".

Levantadas as fontes, prosseguiu o Werner Zulauf, iniciou-se o processo de negociação com as indústrias, no sentido de definir as tecnologias para a correção desses problemas, o que levou alguns meses. Em julho deste ano, o Plano foi concluído e formalmente apresentado para a sociedade. "Todos os cronogramas e tecnologias foram tornados públicos para a imprensa e para a comunidade, esta através de suas lideranças que acompanham a evolução destes trabalhos, cujo prazo de conclusão é de três anos", sublinhou, Zulauf, para quem não há, no mundo, nenhum programa que desse uma solução tão rápida para um problema dessa gravidade.

De três em três meses é feita uma avaliação pública do Plano, na qual a Cetesb informa à comunidade e à imprensa o estágio de cada um

dos cronogramas, adiantados, em dia, ou em atraso, que Zulauf garantiu serem poucos, mostrando que o mesmo tem todos os pré-requisitos para se realizar, muito em função desse acompanhamento ser feito par a passo pela sociedade, um dado, de acordo com ele, muito importante.

CREDIBILIDADE

O Plano de Cubatão começou a ser desenvolvido a partir da posse do governador Franco Montoro, que determinou a Werner Zulauf ir a região, e assumir publicamente o compromisso de que este problema, que deixa as famílias em situação precária de saúde, fosse resolvido na sua administração, onde o primeiro ano seria dedicado ao planejamento, e os três anos subsequentes à execução. Para viabilizá-lo Zulauf contou que o primeiro passo foi adquirir a credibilidade da comunidade, que estava descrente, numa situação aflitiva diante do quadro, e precisava acreditar em alguma coisa. O que se fez, continuou, foi o "jogo da verdade", levando

todas as informações para a comunidade, e organizando um trabalho de participação comunitária, através de profissionais de sociologia, para estimular a organização da sociedade, que estava conscientemente protestando contra a realidade do problema, mas não tinha um mínimo de organização desse protesto, observou o presidente da Cetesb.

"Nós iniciamos um trabalho ligado a essa organização social, para orientar o protesto numa direção correta", explicou Werner Zulauf. Para ele, isto gerou um clima de perfeito entrosamento, um verdadeiro pacto entre o governo, a comunidade e a classe empresarial, ou compreendeu a situação, já que a legislação é rigorosa e, se preciso, aplicada com todo o rigor. Por outro lado, os balanços das empresas foram examinados, e verificou-se que a sua saúde financeira poderia suportar as mudanças sem nenhum impacto econômico maior, ou de investimento necessário, o que tirou qualquer obstáculo para que o Plano não fosse executado, colocou Zulauf, dizendo ainda que isso só foi possível "graças ao respaldo do governador Montoro, que evitou qualquer tentativa de algum "lobby" para evitar a execução do trabalho. E finalizou: "A grande lição desse Plano de Cubatão é o planejamento estratégico. A ação deve ser planejada em todas as suas etapas, para ser implantada com sucesso". (Artemio Reinaldo de Souza).

Turismo não é apenas sinônimo de estradas pavimentadas, rotas de fácil acesso, hotéis cinco estrelas, ou alto poder aquisitivo. Turismo também se faz a pé, no meio de matas, através de pequenas trilhas e picadas, sem gastos exagerados. A beleza de uma região pode ser apreciada de dentro de uma "limouseine" último modelo, como de cima do lombo de um cavalo. Tudo é questão de opção.

Foi com esse pensamento que um grupo de arquitetos, liderado por André Schmitt, se reuniu e elaborou um "Plano de Roteiros para passeios Turísticos na Lagoa da Conceição". O trabalho constitui-se basicamente em uma proposta de ocupação apropriada das áreas de alto grau de preservação da Lagoa da Conceição, com a criação de rotas para caminhadas turísticas em locais de grande potencialidade para o lazer e que, por suas características, naturais ou estágio de ocupação em que se encontram, não são acessíveis através de automóveis. A idéia é incentivar passeios turísticos por caminhos do interior da Ilha que sempre foram utilizados pelos moradores, embora nunca explorados como atração.

"Os roteiros para passeios foram estabelecidos fundamentalmente em cima dos antigos caminhos e trilhas ainda hoje existentes na Lagoa da Conceição e que são importantes registros do processo de ocupação da nossa Ilha e em especial da Lagoa. "Os roteiros foram definidos ainda em função do levantamento dos seus diferentes pontos de interesse marcados pelo potencial natural, potencial para prática de

Reator anaeróbico de fluxo ascendente com leito de lodo. Este é o complexo nome do novo sistema de tratamento de esgoto doméstico a entrar em funcionamento na Lagoa da Conceição. Trata-se de uma nova tecnologia de biodigestão anaeróbica, fermentativa, onde vários grupos microbiológicos se integram fornecendo uns aos outros substratos adequados à ocorrência de um processo contínuo. Como há ausência de oxigênio — assim exigem as bactérias — a matéria orgânica é transformada, principalmente, em metano e dióxido de carbono.

O projeto é fruto de um convênio entre a Fatma, Casan, Eletrosul, UFSC, Comcap e Celesc, e a Fatma é responsável pela elaboração do mesmo. Havia um projeto anterior, da Casan, que funcionaria à base de um valo de oxidação. Mas segundo Ronaldo Barbosa, engenheiro químico da Fatma e um dos responsáveis pelo projeto, o novo reator apresenta uma série de vantagens sem aumentar os custos. Isso porque os processos convencionais de tratamento gastam muita energia, devido à aeração. Já o novo processo de biodigestão gera energia, ocupa área menor e é de fácil operação.

Conforme Ronaldo, a instalação do reator representa uma solução para os dois problemas ecológicos mais preocupantes: a poluição (o reator age como despoluidor, pois haverá uma boa remoção de matéria orgânica) e energia (pela produção do metano). O

Plano de Roteiros para passeios turísticos na Lagoa da Conceição já é realidade

esporte, potencial do patrimônio Histórico/Cultural; e finalmente em função da natureza de seus percursos", completou. A partir desses critérios foram planejados quatro tipos de passeios: lagoa/canal, promontórios, morros/matias e planícies.

As intervenções feitas no meio ambiente seriam mínimas e imprescindíveis, tais como limpeza das trilhas, reparação de velas e degraus existentes no percurso. Além disso, serão implantados outros equipamentos como bancos, mirantes, áreas de piquenique, sanitários, etc.

Para Schmitt, este plano "é um modelo alternativo de turismo, não encarado sob a ótica monumental dos hotéis cinco estrelas". Segundo ele, "não se trata de descartar o turismo tradicional e sim, de oferecer opções diver-

sificadas que propiciem a exploração turística de áreas imensamente belas, evitando-se um turismo predatório e inadequado".

Para facilitar o passeio, o projeto prevê a confecção de um mapa-guia, contendo as principais informações de cada roteiro: ponto de partida e chegada, tempo médio de duração da caminhada, estações interessantes do percurso e uma série de informações úteis ao turista.

Foram definidas ainda algumas convenções de roteiro de modo que o turista possa escolher o trajeto de acordo com as suas características naturais. O roteiro lagoa/canal se caracteriza por águas calmas, cenário envolvente, visuais bucólicos, vegetação intensa e declives suaves. Já no roteiro dos promontórios encontramos pequenas

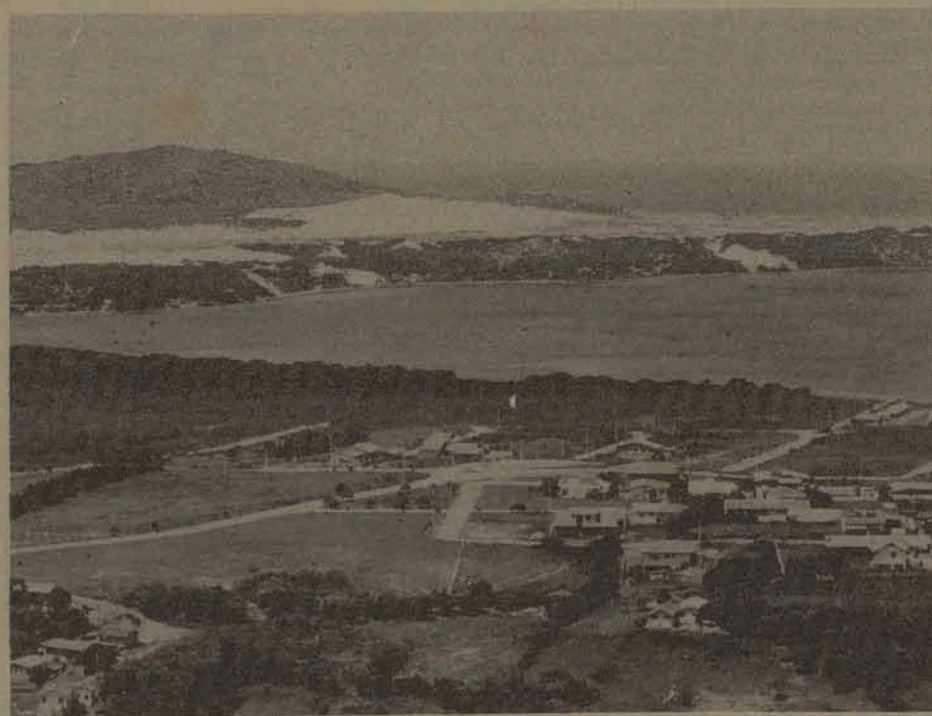
praias, costões, mar aberto, cenário panorâmico e declives acentuados. Assim por diante, cada roteiro teria suas convenções, facilitando o trabalho do turista na hora do passeio.

Embora o custo de implantação do projeto seja muito pequeno, sua execução só foi iniciada agora, mais de dois anos passados da aprovação do plano pelo IPUF (Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis).

"O projeto foi aceito, mas só agora foi implantado. Até hoje não sei bem porquê", confessou o idealizador do plano. Segundo ele, "nunca houve uma resistência direta. Houve, isso sim, pessoas que diziam que esses locais deveriam ficar intactos no coração da Ilha", completou. Esse argumento, no entanto é falho, segundo André, pois preservação e ocupação não são coisas antagônicas, e é melhor que se faça um uso adequado dessas regiões do que deixá-las sob a ameaça de um turismo predatório que cedo ou tarde irá destruir esse importante patrimônio histórico.

"Outro tipo de resistência enfrentada foi a pressão realizada por ricos moradores que não queriam ver as proximidades de seus terrenos invadida pelos caminhantes", concluiu André.

Atualmente, alguns caminhos estão sendo preparados pelo IPUF contudo, em ritmo muito lento e burocrático. Mas isso ainda representa muito pouco se comparado aos vinte caminhos levantados pelo estudo de André Schmitt. (Reportagem, João dos Passos)



Reator anaeróbico deve resolver problema de poluição na Lagoa

metano, resultante da biodigestão anaeróbica, é um gás combustível de boa aplicação, e vai ser utilizado num Grupo Gerador Diesel Biogás, a funcionar em conjunto com o reator. Esse gerador, ativado 80% pelo metano e 20% por diesel, produzirá energia elétrica, a qual será acumulada para garantir o funcionamento do reator mesmo se houver queda de energia na rede.

Não havia até agora, no Brasil, uma concepção de reator anaeróbico com dimensões que possibilitassem sua aplicação em grandes volumes de matéria orgânica. A primeira experiência foi a ampliação para dimensões industriais, caso de uma feculária em Umu-

rama, no Paraná. Lá estão sendo usados dois reatores de 370m² cada um. O uso mais freqüente dos biodigestores vem sendo a nível rural, e sua extensão para aplicação dos esgotos domésticos é recente.

Os recursos para viabilização do reator, que terá capacidade de absorver todo o esgoto captado pela rede (já instalada a partir de dezembro, provém do BNH, e a liberação das verbas representa o início imediato das obras de implantação. Depois de instalar o reator, é necessário que os esgotos das casas sejam ligados à rede. O engenheiro Gustavo Carmona, Diretor de Unidade da Fatma, acentua que possui meios legais para obrigar a população a fazer

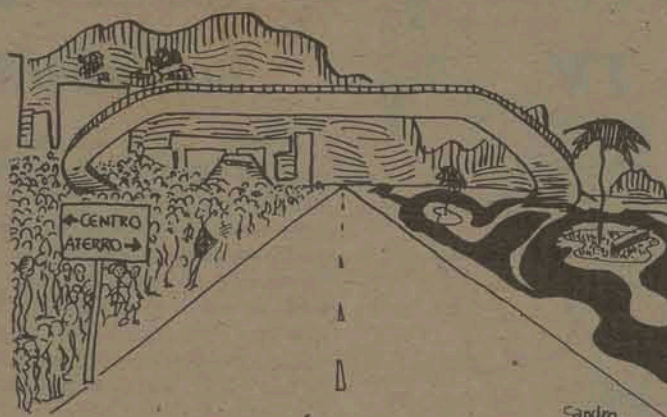
a ligação. "Ninguém tem direito a poluir as praias", argumenta ele, e a ameaça da Fatma é de lacrar a saída dos esgotos das casas que não efetuarem a ligação.

Ainda segundo Carmona, a situação da Lagoa não é ruim, em termos de poluição. O canal aberto na Barra da Lagoa promove uma renovação de água que melhorou o estado da Lagoa nos últimos anos. O que existem são focos concentrados de poluição. Nestas áreas, corre-se o risco de adquirir micoses ou até uma hepatite. A localização destas áreas se faz pela pesquisa do índice Coliforme, que são bactérias encontradas nas fezes dos animais de sangue quente (inclusive do homem), não prejudiciais à saúde. Quanto a presença de coliformes supera o número de quatro mil, é sinal da presença de dejetos, de esgotos doméstico, o que implica que o local é impróprio para banho devido a uma possível contaminação.

Conforme os estudos apresentados por Carmona, a área mais poluída, com Índice Coliforme superior a quatro mil, é uma faixa de cerca de 200m nas proximidades do restaurante Aconchego. Ao de redor desta faixa, há uma área suspeita de poluição (Índice Coliforme entre mil e quatro mil), e que é o caso também da zona balnearia entre a ponte da Lagoa e as proximidades da Rua Osni Ortiga, e da área posterior ao restaurante Samuka até o final da praia. As demais regiões estão livres do perigo.

Aterro: Um Gigante Abandonado

Idealizado e projetado por Burle Marx, renomado urbanista, o Aterro da Baía Sul não satisfaz as necessidades de lazer e entretenimento da população florianopolitana.



Apesar dos sensíveis benefícios que proporcionou ao trânsito da capital, a obra está hoje cercada de muita polêmica. Sua utilidade prática é alvo de muitas críticas.

Um parque de grama viçosa, palmeiras, flores e canchas de esporte à beira mar. Isso é bonito? Pode ser. Mas no caso do aterro da Baía Sul é uma agressão, um espaço vazio e sem referência para os habitantes da ilha, cada vez mais afastados do mar. Esta é a opinião do arquiteto Francisco Ferreira, 27 anos, que desenvolveu um amplo trabalho neste setor.

Em 24 de março de 1974 era concluída a obra do primeiro aterro hidráulico de Santa Catarina. Abrangendo uma área de 450 mil metros quadrados e correspondendo a um volume de três milhões de metros cúbicos, o aterro da Baía Sul, custou para os cofres públicos a quantia de 19 bilhões e 500 milhões de cruzeiros.

Sua construção objetivava a implantação do sistema viário que permitisse um eficiente intercâmbio entre os dois lados da capital: ilha e continente. A área aterrada serviu prontamente aos planos governamentais. Amplas vias de acesso proporcionavam um escoamento rápido no trânsito do centro.

"Burle Marx veio a Florianópolis,

olhou o local durante uma semana, voltou ao Rio e enviou, depois de algum tempo, o respectivo projeto". Foi assim que Francisco Ferreira, sensível às mudanças que descaracterizam o aspecto típico da ilha, registrou a vinda do renomado urbanista e responsável pelo projeto de urbanização do aterro. "Burle Marx não vive nossa realidade, nossa necessidade, portanto não poderia efetivamente atender aos reais anseios da população".

Indefinido e neutralizado pela rigidez de sua concepção, o aterro está atualmente cercado por muita polêmica. Urbanistas, paisagistas, arquitetos e pessoas interessadas discutem sua funcionalidade. Contudo, apesar das controvérsias geradas ao longo desses anos, o aterro é hoje uma realidade. Durante a semana fica praticamente abandonado, exceto aos sábados e domingos, onde uma pequena multidão de desportistas, crianças e casais, procura suas dependências para fins de entretenimento e lazer.

Somente 30 por cento da área é coberta por grama e os 70 por cento restantes são revestidos por pequenas pedras

de granito que formam um gigantesco mosaico. Com exceção dos coqueiros, 8 mil mudas foram plantadas no espaço correspondente ao gramado, ficando portanto, muita área vazia e sem qualquer finalidade prática. Na parte central, onde existem três grandes círculos, situa-se a maior área, tomada literalmente por pedras. A princípio, tem-se idéia de que seja um chafariz. Engano! O que vem a ser ninguém sabe. Sente-se porém, um cheiro de água podre que gera mosquitos e organismos nocivos à saúde pública. Mais a leste, existe um heliporto, que raramente é usado. Nesta parte, o mato toma conta de quase todo o lugar.

O falho sistema de drenagem implantado originalmente tem causado inúmeros problemas. Sem escoamento, a água não tem para onde ir, comprometendo seriamente toda a estrutura da obra. Os 450 mil metros quadrados ostentam ainda, uma arrojada rodoviária, um playground, um parque adaptado, cujo contrato é renovado esporadicamente, e uma escolinha de trânsito administrada pelo Detran.

Além disso, existem projetos para mais três passarelas e para a construção de pista de bicicross e motocross, que se situarão no extremo leste do parque. Todavia, existe um contrato que numa das cláusulas diz: "qualquer alteração no projeto inicial terá que ser comunicada ao responsável".

O gênio de Burle Marx, segundo Francisco, "preocupado em atender às tendências modernistas, com sua geometria, violou o contexto cultural de uma cidade histórica. E disse ainda, "ele omitiu a simplicidade de um chafariz, o romantismo de um lago ou a funcionalidade de uma concha acústica, que em muito iria beneficiar nossa cidade. Tornou o aterro um lugar ocioso, desprezado e frio". Se observarmos o complexo de um plano elevado, visualizaremos de forma bem explorada o cubismo, o geometrismo e o formalismo. Tais elementos configuram, inquestionavelmente, um plano de transformação do característico porto da Baía Sul, em mais uma construção faraônica, que em março de 74 alterou, definitivamente, a história arquitetônica da pacata ilha de Santa Catarina. (Gilson Gaspodini)

Florianópolis : Terra de sol , Mar e "Fantasia"

Sábado, dia de sol. É mais um final de semana que começa. E mais uma vez surge a questão do que se fazer numa ilha de tantos atrativos e poucas opções. Um passeio de barco é uma boa sugestão para quem gosta de mar. E mar é o que não falta.

"Fantasia", a escuna que está ancorada na Baía Norte, entre as pontes Hercílio Luz e Colombo Salles, foi trazida da Bahia em março de 1984. Construída artesanalmente em Cajaíba de Camamu, cidade baiana onde a eletricidade não chega, a escuna levou dois anos para ficar pronta. Mayra, um dos donos da embarcação e organizadora dos passeios, acompanhou o processo de construção e diz que "o principal instrumento deles é o machado". Na época, "Fantasia" custou 20 milhões, o equivalente hoje a cerca de 200 milhões.

Com saídas no "Scuna Sul", trapiche onde está ancorado, o barco faz passeios nas proximidades da ilha. Uma das opções é uma visita à Ilha de Anhatomirim, passando entre as ilhas de Ratonas Pequeno e Ratonas Grande, com duração de seis horas. Outra opção, com duração de oito horas, é uma viagem panorâmica à Baía Sul, passando pelo Ribeirão da Ilha, Enseada de Brito, Morro dos Cavalos, Ilhas do Largo e dos Cardos, Ponta do Cedro e do Gaiçanguçu, Farol dos Naufragados e Fortaleza de Araçatuba. Ou ainda uma visita noturna da Baía Norte, passando sob as pontes Hercílio Luz e Co-

lombo Salles e costeando a baía frente à beira mar. Há também os roteiros opcionais, com duração de 48 horas no máximo. Algumas sugestões são a visita às ilhas do Arvoredo e das Galés.

"O pessoal daqui não gasta com passeios. Eles só querem ir para Anhatomirim. Quem procura mais os passeios são os turistas", observa Mayra. Com a chegada do verão e dos turistas os passeios costumam ser diários e durante toda a parte do dia, inclusive à noite. Tudo depende das condições do tempo e do movimento. Ela

revela ainda que são os argentinos os que mais procuram esse tipo de lazer.

Horácio, noivo de Mayra, é o outro dono de "Fantasia". O trabalho deles não é veiculado a nenhuma agência de turismo. São eles que organizam os passeios, fazem reservas de hotel e vendem as passagens.

Além do trapiche, há no local de saída um estacionamento para 500 carros e o escritório do "Scuna Sul".

Fazem parte da tripulação, fixos, três pessoas — o capitão e dois marinheiros.

"São dois os que se revezam no leme — Horácio e Aristóteles. O problema da escuna é que é um barco mais pesado. Para manobrar um barco daqueles não é fácil", diz Mayra. "Fantasia" tem uma cabine com cozinha e bar. "A gente coloca mais para o bem-estar do passageiro", diz ela. Tem também banheiro, salmista de estar e rádio FM. Mayra diz que, apesar de ser rotina, gosta dos passeios. "Sempre conheço gente diferente. Gosto de fazer contatos, relações públicas", finaliza. (Irene Huscher)

SERVIÇO

As saídas dos passeios obedecem os seguintes critérios:

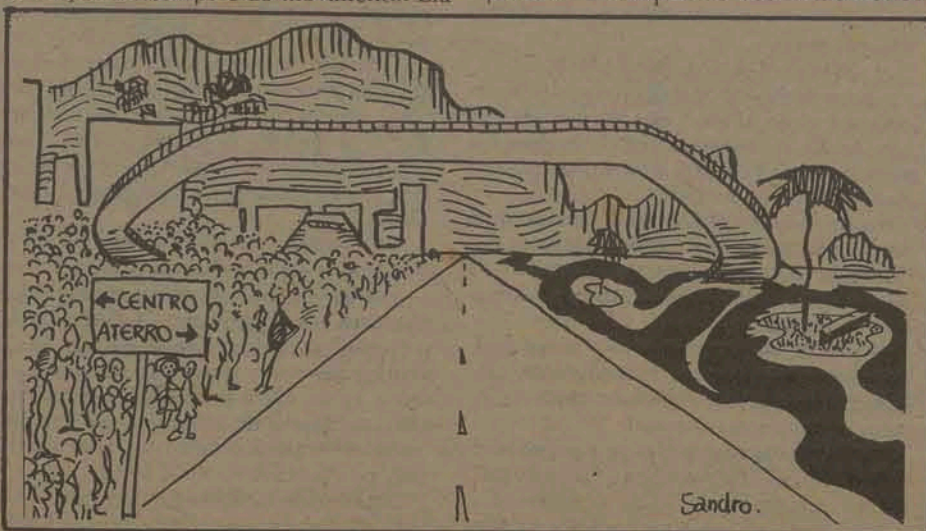
1. Vista noturna da Baía Norte: saída às 20h30m, duração de uma hora e meia. Frete a combinar.

2. Ilha de Anhatomirim: saída às 9h30m, duração de seis horas. Frete de 500 mil cruzeiros e/ou 25 mil por adulto e 12,5 por criança.

3. Viagem panorâmica à Baía Sul: saída às 9h, duração de oito horas. Frete de 600 mil cruzeiros.

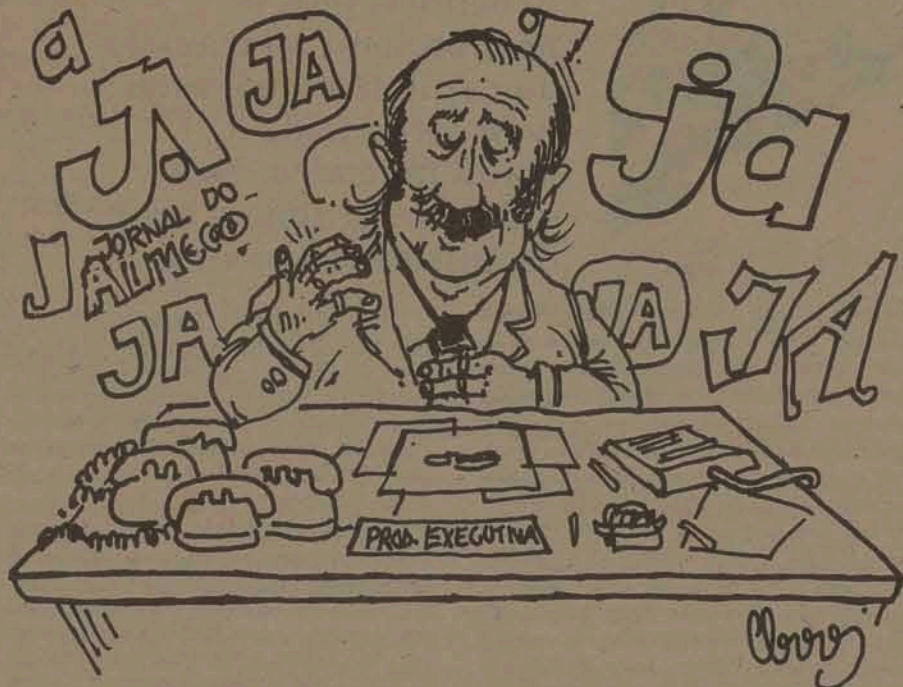
4. Opcionais: duração de no máximo 48 horas. Frete a combinar.

O serviço de bar a bordo não está incluído no preço. Telefone para maiores informações: (0482) 22-1806.



TELEVISÃO

Por trás da aparência um programa de TV



"O grande problema do jornalismo catarinense é a falta de concorrência entre os meios de comunicação. Essa realidade gera acomodação e ausência de pique criativo nas produções", afirmou o jornalista gaúcho Carlos Augusto Wolff, o popular Cacá, produtor executivo do Jornal do Almoço, da RBS TV de Florianópolis.

Seguindo ele, o lançamento de um programa em televisão começa com a criação do nome, que é geralmente feita pela produção e gerências executiva e de programação. "O segundo passo é a confecção da logotipia; depois cria-se a chamada e por último é feito o cenário, elaborado pelo cenotécnico, que faz, inicialmente, o desenho do cenário e depois sua maquete, observando a iluminação do estúdio, a posição das cadeiras, das mesas e das câmeras, tendo em vista, os prováveis enquadramentos".

O criador artístico, além de inventar o logotipo e as chamadas do programa, declarou Cacá, também confecciona selos e ilustrações. "Os selos aparecem ilustrando o cenário, e, geralmente, posicionados ao lado do locutor. As ilustrações, por sua vez, substituem a imagem do repórter ou entrevistado, estando relacionadas com o conteúdo abordado na matéria".

Um programa é estruturado tendo em vista o horário em que irá para o ar, e o público que pretende atingir. Pegando como exemplo o Jornal do Almoço, que existe há cinco anos — desde a implantação da RBS TV, em Florianópolis — Cacá observou que este programa, apresentado de segunda a sábado do meio dia a uma da tarde, essencialmente dá ênfase a assuntos relevantes aos interesses da comunidade estadual e local. Há quadros no jornal que são produzidos de acordo com características locais, das cidades do Estado que possuem rede própria, como é o caso de Blumenau, Joinville e Chapecó.

"O critério para definição da programação é baseado na experiência cotidiana e o tempo dos quadros do jornal é dividido de acordo com a necessidade e importância dos assuntos abordados naquele espaço".

"Mas o espaço para produção local, ainda, é muito restrito", comentou Cacá, apesar de a RBS TV de Santa Catarina ser uma das emissoras brasileiras que mais tem espaços (cedidos pela Rede Globo), para programas locais. "Essa posição privilegiada da RBS TV é explicável pelas condições técnicas e de recursos humanos, que satisfazem as exigências do padrão de qualidade da Rede Globo".

No Estado, o departamento de produção da RBS TV é formado por cerca de vinte pessoas, entre produtores, cinegrafistas, repórteres e apresentadores, que além do Jornal do Almoço, produzem o Têxte Mulher, o Som da Gente, o Zás-trás e eventos especiais.

DIVISÕES DO PROGRAMA

Atualmente o Jornal do Almoço é dividido em sete quadros, sendo que cinco deles são de responsabilidade da produção. São eles: o RBS Comunidade, um segmento de atendimento às reivindicações da população; o Variedades, que divulga trabalhos e eventos que se destacam na cidade; o Comunicação, que veicula os acontecimentos sociais e de lazer e a charge, inspirada, segundo Clóvis Medeiros, em um assunto em evidência no Estado e na Ilha. Os outros quadros do Jornal: Esportes, Rede Regional de Notícias e Comentários, que são transmitidos para todo o Estado, ficam a critério do departamento de telejornalismo e comentaristas, respectivamente. Na maioria das vezes os segmentos do Jornal do Almoço são editados.

Entre esses quadros aparecem o Peão, que entra com alguma informação e chamadas para o próximo bloco, é as vinhetas, que são uma espécie de cortina, para destacar o segmento seguinte. Essas vinhetas, de acordo com Cacá, são criadas em Porto Alegre, com o objetivo de dar continuidade ao padrão da RBS e da Rede Globo.

"A pauta de assuntos que serão abordados no programa é feita baseada em jornais locais e em informações dos telespectadores que nos ligam", declarou Cacá.

NOVO JORNAL DO ALMOÇO

A partir do dia oito de abril vai entrar no ar um novo Jornal do Almoço, que existe há cinco anos — desde a implantação da RBS TV, em Florianópolis — Cacá observou que este programa, apresentado de segunda a sábado do meio dia a uma da tarde, essencialmente dá ênfase a assuntos relevantes aos interesses da comunidade estadual e local. Há quadros no jornal que são produzidos de acordo com características locais, das cidades do Estado que possuem rede própria, como é o caso de Blumenau, Joinville e Chapecó.

"O critério para definição da programação é baseado na experiência cotidiana e o tempo dos quadros do jornal é dividido de acordo com a necessidade e importância dos assuntos abordados naquele espaço".

"Mas o espaço para produção local, ainda, é muito restrito", comentou Cacá, apesar de a RBS TV de Santa Catarina ser uma das emissoras brasileiras que mais tem espaços (cedidos pela Rede Globo), para programas locais. "Essa posição privilegiada da RBS TV é explicável pelas condições técnicas e de recursos humanos, que satisfazem as exigências do padrão de qualidade da Rede Globo".

Um fundo infinito substituirá o antigo cenário. Após os comerciais a abertura de cada quadro será feita com câmera aberta enfocando todos os integrantes do jornal. Além de todas estas mudanças a grande novidade do Jornal do Almoço será o "tema do dia", isto é, o assunto em evidência no momento. Este assunto terá espaço em todos os quadros, a fim de realçar sua importância.

A Pauta

Malfalada, destratada, chata mas absolutamente necessária

Existem entre os homens que vivem e estudam o jornalismo, duas correntes de opinião sobre a função do pauteiro em uma empresa de comunicação social. A primeira delas, mais comumente expressada pelos profissionais de comunicação, salienta sua importância na medida em que a pauta oferece uma orientação necessária ao repórter, apresentando dados e "dicas" que favorecem uma melhor elaboração da matéria. A segunda corrente, reflexo de uma visão acadêmica e sonhadora, critica a falta de liberdade vivida pelo repórter quando sua matéria é antecipadamente direcionada pela pauta.

A grande maioria de opiniões se aglutina em torno da primeira corrente. Para o repórter Evory Pedro Schmitt, "a pauta é de grande necessidade, principalmente quando trata-se de um jornal diário em que a questão de tempo é fundamental". Evory reforça sua tese, argumentando que "ao chegar à redação, o repórter dificilmente terá tempo para procurar maiores subsídios sobre o assunto da matéria que ele terá que cobrir". "Este trabalho fica por conta do pauteiro que, dispondo de mais tempo, já terá pesquisado o assunto e organizará a pauta no sentido de ambientar o repórter na sua matéria".

Evory já trabalhou em jornais de circulação semanal, onde também havia a figura do pauteiro, e disse que "nesses casos a pauta é bem melhor elaborada e mais específica". No que toca o tema "falta de liberdade em função de pauta", Evory destacou a "importância de um bom entrosamento entre repórter, pauteiro e editor, no sentido de facilitar o diálogo entre eles, permitindo-se com isso uma maior flexibi-

lidade na elaboração da matéria".

Rosângela dos Santos, repórter da RBS TV, ao comentar a temática liberdade, afirmou que "a pauta não retira a liberdade do repórter, a não ser quando é muito específica". Rosângela vê a pauta como uma espécie de orientação "que contém principalmente indicações, sem que isso impessa que o repórter manuseie a pauta adequadamente. A pauta nunca deve ser seguida rigidamente, pois o pauteiro nunca pode prever com precisão tudo o que vai acontecer durante a cobertura de determinada matéria", salientou a repórter.

Outra opinião que aparece em defesa da pauta é a do Repórter Marcos Heisse do jornal "O ESTADO". Marcos acredita que "a flexibilidade da pauta é necessariamente previsível na medida em que dá condições ao repórter de pescar o gancho da matéria. Muitas vezes, a essência da matéria está num pequeno detalhe que a pauta não previa, então entra o trabalho de campo do repórter para fazer o uso conveniente da pauta e sua ligação com o fato novo, essencial", finaliza Marcos.

Embora teoricamente razoável, a corrente de opinião que preconiza a falta de liberdade ocasionada pela pauta não possui respaldo entre os profissionais de comunicação. A conclusão que se obtém após uma investigação na redação de um jornal é que a pauta, apesar de se apresentar presa à rígida estrutura da empresa jornalística, é necessária e não define a maior ou menor liberdade do repórter. Fatores ligados à parte administrativa e suas relações comprometidas é que, na realidade, limitam o trabalho do profissional de comunicação. (João dos Passos)

Comunistas ainda comem criancinhas?

"O ataque a mim foi pretexto para atacar o secretário", disse o jornalista catarinense Artur Scavone, após ter pedido demissão da Assessoria de Imprensa da Secretaria de Justiça de São Paulo, em novembro do ano passado. Segundo ele, as pressões e acusações feitas à Secretaria de Justiça do Governo Estadual por ter contratado um "ex-terrorista" para ajudar a gerir os interesses da justiça não significaram, apenas, o retorno da "caça às bruxas". Na verdade se deram contra a política que está sendo seguida pelo secretário José Carlos Dias, de humanização dos presídios.

As acusações dirigidas a Scavone foram divulgadas pelo radialista Milton Parron — conhecido na Imprensa como Milton Marrom — no programa "Cidade Contra o Crime" da Rádio Globo de São Paulo. Conforme estas, tratava-se de um assaltante, terrorista e propagador da subversão que, depois de todos os seus "crimes", havia se transformado em funcionário público estadual.

Condenado unicamente por haver militado na organização clandestina de Carlos Marighela, a Ação Libertadora Nacional,



Agora Scavone processa o radialista Milton "Marrom"

Scavone cumpriu uma pena de seis anos. Com a anistia, em 1979, ele obteve novamente os seus direitos políticos. Nas demais acusações ele foi considerado inocente.

Foram três meses de desemprego e, consequentemente, de muitas dificuldades, já que Scavone é casado e tem um filho. Sua vida só voltou à normalidade a partir de fevereiro, quando foi convidado a ser assessor do Gabinete da Bancada do PT na Câmara Municipal de São Paulo. Durante o tempo em que esteve desempregado, o jornalista fez alguns freelancers conseguindo, desta forma, algum dinheiro.

Em entrevista concedida ao repórter de ZERO, no fim de 84, Scavone comentou o episódio das prisões dos militantes do PC do B em outubro daquele ano, e comparou-o com o que o envolveu. Para ele, não houve nenhum tipo de ligação

Jornal da RBS o mais moderno da A. L.

Diário Catarinense. Este o jornal da RBS que virá, ainda sem data definida, para competir com o Jornal de Santa Catarina, O Estado e a Notícia. E muito mais do que isso não se sabe. Exagerando nas reticências, Armando Burd, jornalista responsável pela implantação do jornal — que terá sede em Florianópolis — foi lacônico ao responder às indagações dos repórteres de Zero. Mas algumas informações ainda não divulgadas vieram à tona. Por exemplo: este será um jornal do repórter. Uma revelação, ao menos para os entendidos, bastante significativa.

Segundo Burd, o Jornal Diário Catarinense será o primeiro, em toda a América Latina, a utilizar meios eletrônicos na redação. Isto é: não terá nem laudas nem máquinas de escrever (ver box). Desde maio de 1984 Burd chefiava um Comitê de Implantação do jornal. São quatro pessoas, da área editorial, industrial, administrativa e de marketing, que iniciaram os contatos e estudam as viabilidades econômicas e mercadológicas. Conforme Armando, o mercado catarinense, ao contrário dos demais estados brasileiros, é muito regionalizado. "Na maioria dos jornais, 80% da coleta de informações se dá na capital, e o interior absorve. Aqui, não. Cada região lê seu jornal, e é preciso superar essa dificuldade".

O Comitê de Implantação organizou uma pesquisa com três mil pessoas de seis mercados diferentes (Joinville, Blumenau, Lages, Chapecó, Criciúma e Florianópolis), e são esses resultados que de-

finirão o perfil do jornal. "Pretende-se um jornal voltado às problemáticas e necessidades de Santa Catarina. Inclui-se a contratação de funcionários que além de alguns profissionais trazidos de Porto Alegre, devem ser selecionados entre os profissionais do Estado".

A contratação do pessoal vai iniciar, segundo Burd, tão logo chegue o equipamento, prometido pela fornecedora para o começo de maio. Ele diz não saber ainda quais os aspectos formais da contratação, mas garante uma ampla divulgação quando for tempo. Prevê-se o emprego de cerca de 70 profissionais na área de redação em Florianópolis, além de 40 sucursais.

Com a introdução das novas técnicas de composição, os jornalistas admitidos deverão passar por um período de dois meses de ambientação. Burd alerta para o fato de estudantes não saírem da Universidade preparados nesse sentido. Para resolver essa questão, ele acha possível "um convênio entre as universidades e os jornais", o que seria financeiramente o mais viável.

Perguntado sobre o perigo de a RBS estabelecer um monopólio nos meios de comunicação de Santa Catarina, onde já tem a televisão e os rádios AM e FM de maior ibope, Burd responde não acreditar que televisão venda jornal. "Pode ajudar a vender o primeiro número, mas no segundo o leitor já vai cobrar a qualidade". Acrescentou ainda que a questão do monopólio "é mais um slogan, um rótulo emocional", do que algo para se temer. (Daisi Vogel)



Burd: "Não vou contar tudo agora"

Um novo comportamento na redação

Entramos na era do jornalismo silencioso. O equipamento a ser utilizado pelo Jornal Diário Catarinense é um modelo da CSI (EUA) que faz eletrônica e silenciosamente todo o processo de composição. Uma inovação, em termos de jornalismo, equivalente a entrada da máquina de escrever nas redações. Agora, sai a máquina, e entra o computador.

Também a lauda deixa de existir. O repórter colhe a matéria e a processa por um terminal (teclado com visor) para a cabeça do computador. Existe a possibilidade de, no visor, escrever, apagar e fazer correções de palavras ou períodos, além de se poder "chamar" duas maté-

rias simultaneamente para o vídeo. A edição e a cópiagem se dão pelo mesmo processo.

A vantagem é que o papel fotográfico (que serve de modelo para o original de impressão) sai do computador em sequência com a página completa, conforme foi diagramada (o processo de diagramação permanece o mesmo, e é feito anteriormente). Elimina-se assim a "busca" da da matéria, que ocorre no processo formal.

A parte da redação, composição, "past up" e fotolito tem suas instalações na praia de Itaguáçu, defronte a Associação Atlética do Banco do Brasil, no antigo prédio da Elusc. Pela meia-noite, uma hora da manhã, o fotolito do jornal deve estar pronto, e é levado para um pavilhão localizado ao lado do Hotel Itaguáçu, que abriga o equipamento de impressão. Lá chegando, copia-se a chapa que vai à máquina para rodar.

A impressão será feita em off-set com uma Goss Urbanite, que roda até 32 páginas em tamanho convencional por vez. Como o jornal terá forma tabloide (como o Zero Hora de Porto Alegre), há possibilidade de cada rodada dar 64 páginas impressas.

A grande vantagem das novas tecnologias de composição está na redução de tempo e do fluxo de papel. Este novo equipamento tem capacidade de compor 300 linhas por minuto, embora se possa fazer uso de no máximo 600. Apenas para comparação, a linotipo compõe 15 linhas a fotocomposição compõe 250 e a leitura ótica 400. Há assim uma grande abreviação de tempo, e a indústria gráfica vem trabalhando para que ele se reduza cada vez mais. Para o jornalista, essas inovações devem facilitar. Conforme Nelson Alves Mattos, responsável pela área comercial do projeto, "é muito mais simples operar um terminal do que uma máquina de escrever". (Daisi Vogel)



Moacir: fase transitória no jornalismo catarinense

ridas em Brasília, quando da votação da Emenda Dante de Oliveira.

Para ele, a imprensa catarinense está atravessando uma fase transitória, passando da modernização para o profissionalismo. A década de oitenta caracterizou-se como fase da modernização, tanto nos meios eletrônicos, quanto nos impressos. A partir de mil novecentos e oitenta e cinco, acontecerá mais ostensivamente a fase da profissionalização, com a chegada em Santa Catarina, do Jornal Diário Catarinense".

A tendência com a chegada do novo jornal, declarou Moacir, é de uma melhoria no conteúdo dos jornais, pela concorrência que inevitavelmente haverá.

O público ouvinte e telespectador, segundo o jornalista, tem se mostrado muito frustrado em relação à imprensa, porque o nível de qualidade dos meios de comunicação de massa, no Estado, está aquém do necessário, haja vista a vinculação político-partidária desses meios.

cia generalizada entre os setores mais avançados da intelectualidade nacional sobre a necessidade do Socialismo. Vê o Capitalismo como um sistema que já deu os seus frutos, já mostrou o que podia fazer. Acredita que chegou a hora da racionalidade, do planejamento, do poder do homem sobre a natureza se impor, não como destruidor, mas como construtor.

Com emprego garantido até 87 e bastante tranquilo, Artur Scavone ainda vê no jornalismo policial, um bom trânsito da direita política radical, porém, não sofreu mais nenhum tipo de pressão. "O PT não admitiria isso", garantiu ele. (José Carlos Virtuoso).

Imprensa em S.C. se prende a temas elitizados

"Em relação ao rádio essa frustração é explicável pela programação, que reproduz essencialmente músicas. Na televisão ela se expressa pelo domínio das redes, consequentemente há falta de espaços para programação local. Nos jornais a ausência de informação de maior conteúdo e opinião diferenciada responde à frustração".

Essa situação se explica, segundo Moacir Pereira, porque hoje o povo tem mais sede de informação. "O ideal seria se nos meios de comunicação houvesse mais reportagens de cunho popular, mais polêmica, mais investigação e denúncias. A sensação que tenho, é que no geral, a imprensa catarinense se prende a temas elitizados, de classe média para cima".

Nem mesmo a abertura política exerceu muita influência nos meios de comunicação do Estado. O único benefício da aber-

tura, foi o arrefecimento da censura, afirmou o jornalista.

"Quanto a participação dos profissionais formados pela Universidade Federal, acho que ela, ainda é inexpressiva, pelo reduzido número de jornalistas que estão atuando hoje, e pelas condições de exploração a que se submetem, ganhando salários insignificantes.

"Essa restrição mercadológica, e os baixos salários são uma realidade na minha opinião, porque há falta de consciência por parte dos profissionais, para lutarem por seus direitos e, também, porque o Sindicato dos Jornalistas além de não fiscalizar o exercício profissional, não organiza a categoria a lutar por suas reivindicações".

Segundo Moacir Pereira, a atual diretoria do Sindicato tem boa vontade, mas ainda não conseguiu centralizar o poder político, para encaminhamento das reivindicações.

"Novela das seis às dez não dá mais. Tenho a impressão que com o processo de redemocratização, proposto pelo presidente Tancredino Neves, o mercado jornalístico tende a se ampliar, como consequência da ampliação de novos espaços e maior dinâmica jornalística".

Essa perspectiva partiu do jornalista Moacir Pereira, colunista político do jornal de Santa Catarina, comentarista do Jornal do Almoço da RBS TV e autor de cinco livros sobre imprensa.

O livro "O golpe do silêncio", seu mais recente lançamento, teve três mil exemplares editados pela Global editora, que já comunicou, ao jornalista, o esgotamento da edição.

Segundo Moacir Pereira, a possibilidade de uma segunda edição deste livro existe caso sejam decretadas novas medidas de emergência no Brasil a exemplo das ocor-

Iridologia: A saúde através da íris

É comum escutarmos alguém dizer que "os olhos não mentem jamais", ou que "são o espelho da alma" ou ainda, "que revelam os segredos que tentamos esconder". Além dessas informações, poucos sabem que através da íris do olho pode-se diagnosticar o estado de saúde das pessoas. Trata-se da Iridologia, uma ciência que faz esse diagnóstico utilizando o mapa da íris, chamado mapa iridológico. Embora o Brasil já tenha tido grandes iridologistas, essa ciência encontra-se num estado embrionário, mas o professor e iridólogo Gurudev Singh Khalsa, que ministrou um curso na capital, pretende reativar a ciência no país.

IRIDOLOGIA:

MEDICINA PREVENTIVA

Originária da Índia a iridologia é a ciência que faz o diagnóstico da saúde das pessoas pelo estudo da íris. "Nela existem milhares de filamentos que recebem mensagens de todo o organismo. Os neurônios captam informações e as enviam ao cérebro, através da medula espinhal; do cérebro elas passam ao tálamo óptico e depois aos nervos do globo ocular. Neste, a íris é uma espécie de tela de projeção onde podem ser percebidas visualmente as condições de toda a estrutura tecidual", explicou Gurudev.

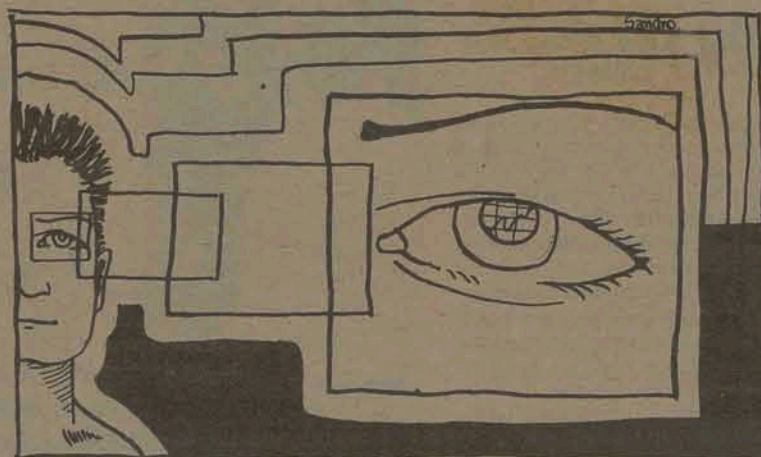
Através da íris pode-se observar todos os tecidos do organismo. Suas fraquezas e de-

ficiências, e a localização de inflamações insipientes em todos os seus estágios, desde o agudo até o degenerativo. "Tendo conhecimento das fraquezas e deficiências do corpo — explica Gurudev — realizamos um estudo científico e faz-se um tratamento natural do organismo do ser".

Segundo o professor, a íris nos deixa observar com nitidez toda a composição química nutricional do organismo, dos tecidos de cada órgão. Depois de feito o diagnóstico, inicia-se o tratamento para devolver o equilíbrio nutricional — a base

de elementos e suplementos de vitaminas desintoxicantes — ao organismo para que ele volte a funcionar com sua capacidade normal.

"A medicina não reconhece oficialmente a iridologia", salienta o iridólogo, "mas 50% das pessoas que fazem o curso são médicos ou pessoas ligadas à área da saúde". Gurudev diz também que após realizarem o curso, os profissionais da área médica podem abrir outros campos a essa ciência utilizando-a em seus diagnósticos.



CURITIBA REATIVARÁ CIÊNCIA

No último curso que ministrou em Curitiba, Gurudev encontrou numa clínica tradicional daquela cidade um aparelho para fazer diagnósticos através da íris. Esse aparelho de diagnósticos encontra-se na Clínica Homeopática Valdomiro Pereira há 30 anos, mas há mais de 10 não vem sendo utilizado. "A ciência já foi cultivada em Curitiba, mas como não possuía quem fizesse este tipo de estudo a máquina ficou inativa e a iridologia se perdeu. Devido ao curso ministrado a Ciência será reativada. Senti necessidade de cuidar melhor de Curitiba, que há mais de uma década havia perdido essa ciência".

A iridologia foi trazida para o ocidente no início do século passado, difundindo-se na Alemanha, Hungria e Suécia. Mas é a Alemanha o país que mais tem contribuído para o desenvolvimento dessa ciência. Segundo a revista Ciência Ilustrada a número 13, existem atualmente na Europa cerca de 9.000 iridólogos e, 1000 nos Estados Unidos. No Brasil, segundo Gurudev, já existiram grandes iridólogos, mas apagados em termos de divulgação e por não conseguirem nenhuma espécie de apoio perderam-se. Hoje os estudiosos dessa ciência que se encontram no Brasil são oriundos da América do Sul e da Alemanha, na grande maioria, (Carlos Jung).

Brasileiros são os Campeões Mundiais da Cárie

Estatísticas oficiais revelam que 99,9% da população brasileira tem cárie dental. Em média cada pessoa tem 15 cáries dentais. O Brasil é um campeão mundial de cárie, tem dois milhões de cáries. Menos de 5% da sua população vai ao dentista.

"Cuidar dos dentes é uma necessidade tão primária quanto o agasalho e a comida. Se eles existem, ocupam um lugar na boca e cumprem uma função, o bom senso recomenda que sejam cuidadas", declarou o dentista Lauro da Silva Fernandes. Os dentes são os principais componentes da boca, deles depende uma parcela de bem-estar geral.

A doença cárie começa muito antes do buraco aparecer. Diagnosticada precocemente, quando aparecem manchas brancas e rugosas, a cárie dental é reversível, podendo-se, inclusive, evitar a formação posterior de cavidades ou buracos.

Cárie dental é a enfermidade que atinge os tecidos mineralizados e orgânicos do dente, produzindo uma desmineralização da parte mineral (inorgânica) e destruição da parte orgânica.

"A cárie é uma das doenças crônicas mais comuns em nossa raça. Tem caráter irreversível. O tecido uma vez destruído, não volta mais as suas condições iniciais. Substituí-se, desta forma, o tecido cariado por um material restaurado", afirmou o dentista, Sérgio Luiz Ortega.

"A cárie dental é um processo destrutivo", disse ele.

O paciente sente dor, mas ela logo desaparece. E ele pensa, então, que não há nada de errado e não toma qualquer providência para saber o motivo da dor. Porém, se a cárie for profunda a dor voltará se tornando insuportável. A cárie está relacionada ao açúcar que se consome durante e entre as refeições. Para Sérgio, "quem come açúcar mais de três vezes ao dia e descuida da higiene bucal, tem maiores probabilidades de aumentar seu número de cáries". O açúcar em demasia deve ser evitado. Segundo Sérgio, "a cárie aparece menos em pessoas com a arcada perfeita, pois será menor a retenção de alimentos. Os dentes mal alinhados, fora de posição, não situados normalmente podem dificultar a limpeza e tendem a favorecer a acumulação de alimentos e resíduos, facilitando o aparecimento de cáries".

Para Rafael Oliveira Rosa, estudante da oitava fase do curso de odontologia da UFSC, a

alimentação influi no surgimento de cáries dentárias. "A nossa alimentação é inadequada, ela não foi projetada para evitar cáries", falou Rafael. Quanto menos triturado o alimento menos possibilidade de permanecer restos nas interfícies dentárias, menor o número de cáries. "Os elementos de prevenção escova de dente, fio ou fita dental, antissépticos e palhas de fluor, não são totalmente eficazes", disse Rafael.

No nosso Estado a procura de um consultório odontológico é baixa, comparando com o número de habitantes. Este número de procura seria relativamente bom, caso cada pessoa fizesse anualmente sua visita ao dentista.

Através do Ipec, a procura de serviços odontológicos é muito pequena. O motivo é que os associados para ter atendimento odontológico pelo instituto fazem um empréstimo, que será descontado na folha de pagamento. Porém, é o Ipec que faz o pagamento ao dentista. Na capital a procura mensal é em média de 200 pessoas e 500 no total capital e agências no estado. Já no Inamps a procura é bem maior, devido ao atendimento gratuito ao previdenciário. Na capital a média mensal é de 13.300 consultas. Nos consultórios e clínicas particulares o número é bem instável, tem dias em que os horários estão completamente lotados, já em outros há várias vagas.

A causa principal e última da cárie dental é a placa bacteriana. Trata-se de uma massa incolor de bactérias que aderem à superfície do dente.

Ela se deposita entre o dente e a gengiva, do lado de dentro e do lado de fora, e também entre os dentes. Nas fôssulas e fissuras também acumulam muitas placas.

"Há substâncias que denominamos evidenciadores de placas, que localizam o lugar e a quantidade existente. Quando encontradas, devem ser removidas com o uso correto da escova, fio ou fita dental e antisséptico", afirmou João Carlos Barroso, dentista credenciado por várias entidades, entre elas o Inamps. "A remoção também é feita nos consultórios odontológicos, de maneira simples e confortável", disse Barroso. "O que antigamente se denominava de raspagem do dente, hoje se faz com um aparelho que lança um jato de bicarbonato de sódio e água sobre o dente. O jato 'varre' por completo a placa bacteriana, tanto na superfície como nos espaços interdentais", declarou Barroso. "A placa atua sobre certos alimentos, prin-

cipalmente o açúcar, e produz toxinas, ou ácidos, que agem sobre o esmalte do dente. Por cerca de vinte minutos o ácido dissolve o esmalte, que é descalsificado e destruído até expor a dentina. A cárie progride depressa, em direção ao centro do dente. Logo ela atinge a polpa ou nervo, devido a falta de suporte", explicou Barroso.

Segundo pesquisas no Brasil a troca de escova de dente é feita após 18 meses, enquanto que o certo seria de no máximo de três em três meses. O Brasil utiliza 65 milhões de escovas por ano, quando deveria usar 480. Isto é metade da população brasileira não tem escova", afirmou Barroso. Milhões de brasileiros ainda se limitam a uma única escovação diária, enquanto que o correto é escovar os dentes após ingerirmos alimentos. "Muitos preferem extrair os dentes bons para colocar dentaduras, pois não haverá mais o incômodo de ir ao consultório odontológico", contou Barroso. Sem dentes a pessoa está arriscada a adquirir as manifestações gerais das infecções dentárias, como reumatismo e outras doenças. A sua manifestação pode se tornar defeituosa, expondo-se às moléstias do estômago, fígado, intestinos e rins.



REGRAS DE PREVENÇÃO

- 1 — Escovar os dentes corretamente e ter como hábito a limpeza diária com fio ou fita dental, dentífrico com flúor e antisséptico bucal.
- 2 — Deve-se fazer a troca da escova a cada três meses.
- 3 — A limpeza dos dentes deve ser feita no mínimo duas vezes ao dia, após a refeição matinal e antes de dormir. É aconselhável fazer nova limpeza depois de comer alimentos que contenham açúcar.
- 4 — Nos lugares onde não houver fluoretação na água é necessário usar flúor por via oral ou aplicação tópica.
- 5 — Diminuir ou fazer restrições aos açúcares, doces e refrigerantes fora das refeições.
- 6 — Fazer bochechos com antisséptico bucal, após cada escovação. Eles têm efeito bactericida e ajudam no controle da placa bacteriana.
- 7 — Visitar periodicamente o dentista para evidenciar e remover a placa bacteriana e o tártaro.
- 8 — Pessoas com tendências a cárie dental devem escovar os dentes após a ingestão de qualquer alimento. (Marise Ortega)

Loucos ocupam o chão por falta de leitos na Colônia Santana

Um dos problemas sérios que têm atingido a saúde do povo catarinense é com relação à assistência médica psiquiátrica. A população não tem acesso aos psiquiatras, existem apenas 800 leitos conveniados pelo Inamps, enquanto que o convênio deveria atingir, no mínimo, dois mil leitos.

Dos 1150 internos do Hospital Psiquiátrico Colônia Santana, em Florianópolis, 150 dormem no chão. Há falta de agasalhos e o número de funcionários é insuficiente. É o que afirma o presidente da Associação Catarinense de Psiquiatria, doutor Luiz Eduardo Salles Gonçalves. Segundo ele, "o principal problema da Colônia Santana é a falta de verbas, e o maior responsável é o Inamps que, destes 1150 pacientes, custeia apenas 400." O restante quem paga é o governo estadual, pois o Hospital pertence ao Estado e por isso não pode negar internamentos.

Atualmente existe cerca de 1700 leitos psiquiátricos em todo Estado. Este número, de acordo com a Organização Mundial de Saúde, é insuficiente, já que o estipulado é um leito para cada mil habitantes. Desta forma Santa Catarina deveria ter quatro mil leitos, considerando uma população de quatro milhões de habitantes. Deste total, dois mil leitos, no mínimo, deveriam ser conveniados pelo Inamps, o que não acontece, pois apenas 800 leitos são

conveniados.

Segundo o doutor Luiz Eduardo Salles, "essa situação não era tão agravante até o ano passado, quando o serviço ambulatorial, pelo menos em Florianópolis, era razoável". Havia duas clínicas que prestavam serviço ambulatorial à população, a Psicoclínica e o Pronto Socorro Psiquiátrico, mas não conseguiram se manter e acabaram fechando.

"Ocorria uma defasagem muito grande no pagamento das consultas pelo Inamps, o que impossibilitava o pagamento de funcionários e das demais despesas", afirma o doutor Luiz Eduardo. Ele observa que, na época de atuação destas clínicas, o número de internos da Colônia Santana diminuiu de dois mil para mil pacientes. Isto ocorreu porque há pacientes psicóticos que não precisam de internamento. Apenas um tratamento, através de consultas, resolve o problema.

O acúmulo de pacientes na Colônia Santana é devido, não apenas a deficiência dos serviços ambulatoriais, mas também, a grande demanda de doentes mentais que vêm do interior do Estado. No Hospital Psiquiátrico São José, há 300 leitos, sendo que a maioria é particular. Em Criciúma, no Hospital de Rio Maina, há 100 leitos. Blumenau e Joinville contam com apenas 560 leitos.

Para o presidente da Associação Catarinense de Psiquiatria, "o maior entrave na administração da Colônia San-



Dos 1150 pacientes da Colônia, 150 dormem no chão.

tana está na vinculação com a Fundação Hospitalar". Ele reclama que "há seis meses estamos esperando a liberação de verbas para a construção de uma ala de pacientes agudos que necessitam ficar separados dos considerados crônicos, para facilitar o seu tratamento".

A solução do problema dos hospitais psiquiátricos de Santa Catarina, ao contrário do que se pode imaginar, não é a ampliação do número de leitos. Segundo o doutor Luiz Eduardo, "esta medida seria um retrocesso". Na opinião dele, a solução está na ampliação dos serviços ambulatoriais, isto é, a co-

bertura de clínicas de consultas que possam atender aqueles que não necessitam de internamento. Para isso, o doutor Luiz Eduardo argumenta que seria necessário uma mudança na forma de credenciamento destas clínicas pelo Inamps que, são credenciadas apenas como pessoas jurídicas. Ele sugere que os médicos psiquiatras sejam credenciados também como pessoas físicas, o que facilitaria o atendimento ambulatorial. Também seria necessária uma mudança na forma de pagamento das consultas, cujo atraso levou algumas clínicas ao fechamento. (Ani Bargaen).

Angústia causa acúmulo de pacientes nos consultórios de clínica geral do Inamps

Em cada dez casos que o Inamps catarinense atende na clínica geral, sete são de fundo psicossomático. A revelação Gonçalves, presidente da Associação Catarinense de Psiquiatria. Aparecem dores de cabeça, tonturas, indisposições, e o exame clínico nada revela. "As pessoas associam seus sintomas a doenças físicas, e o desconhecimento da origem psicológica leva aos neurologistas, aos clínicos, à medicina popular", explica o médico. Na maioria dos casos, o que há é uma grande angústia.

Na verdade, todas as pessoas têm angústias, e isso não é uma coisa ruim. A angústia é inerente ao ser humano, é construtiva, revolucionária. O problema é que a angústia que devora a grande massa da população brasileira é improdutivo, com sensações de incapacidade, de completa incompetência perante as coisas. É lógico nem todos vão ao psiquiatra, mesmo porque não têm acesso a eles. Existe uma "demanda reprimida", que remói sozinha suas angústias. Santa Catarina tem cerca de 70 psiquiatras, dos quais pelo menos 35 estão em Florianópolis. São 60% dos serviços psiquiátricos concentrados na capital, para uma população estadual de mais de quatro milhões de pessoas. Para Luiz Eduardo, a causa do au-



Luiz Eduardo: "A população não tem acesso aos psiquiatras. Existe uma demanda reprimida".

mento da angústia reside no tripé bio-psico-social; três aspectos da dimensão humana. Dependendo das circunstâncias, das individualidades, um dos fatores se sobressai. Na dimensão biológica estariam as questões de saúde, alimen-

tação, de atendimento médico. O Brasil tem o maior índice de doenças endêmicas do mundo, e um serviço de saúde muito precário. "A quem pode recorrer o pobre? Ao Inamps? Aos Postos de Saúde?" Uma conseqüente angústia é mais do que justificável.

O aspecto social engloba questões como o trabalho, moradia, higiene. E o psíquico é decorrência dos dois primeiros, e consiste na violência urbana, na dificuldade de comunicação, o progresso discriminatório. Distinguir em qual dos três aspectos está o mal é o primeiro passo para aprender uma cura.

Luiz Eduardo divide a angústia em duas vertentes. A primeira, a ansiedade situacional, causada diretamente pelo meio. É a de que mais sofrem as classes pobres, devido às más condições de trabalho, além dos problemas familiares, conjugais. Uma angústia muito compreensível. "Ninguém é neurótico se fica angustiado porque perdeu o emprego". A segunda vertente é a ansiedade interna. Neste caso, o indivíduo,

apesar do meio favorável, não está adaptado à vida que tem. É mais frequente entre as classes altas, e caso de uma psicoterapia, para detectar a origem dos conflitos.

Conforme Luiz Eduardo, a angústia brasileira se permeia de muito ceticismo. "Tem uma relação muito forte com a situação política, depois de vinte anos de ditadura. Existe uma frustração maciça, acarretando angústia negativa, potencialmente autodestruidora. "Se o indivíduo tiver uma convicção mínima de que pode mudar as coisas, se perceber que tem participação, amplo convívio político, diminui a angústia. Um operário do ABC deve ter bem menos angústia agora do que antes, porque sabe que pode fazer alguma coisa."

Luiz Eduardo lembra que os níveis de questionamento se modificam com o indivíduo. Superadas as angústias primárias, situacionais, descobrem-se outros conflitos, de origem emocional, interna. Há aí um novo problema: como tratar das angústias internas de toda uma população? Criando uma psicoterapia para as massas? Mais viável é a formação do homem consciente, integrado, com coragem para enfrentar os atentados do monstro da ansiedade que espreita. (Daisi Vogel)

UFSC

Volantes também fazem música

Se você gosta de música popular brasileira tem mais uma curiosa opção, aqui mesmo na Universidade. Todas as sextas-feiras à noite, os motoristas da Universidade trocam os volantes de carro pelas rodas de samba, sentindo, mesmo que por pouco tempo, o brilho das estrelas.

Criado em 1983, o Regional Samba Show Volantes da UFSC é uma das novas manifestações culturais que nasceram no espaço da Universidade Federal de Santa Catarina. Com um ano de vida o grupo, formado por motoristas da Universidade, pretende levar seu trabalho para fora dos limites em que foi criado. "Queremos primeiro nos aprimorar, pra quando partir, partir certo", declarou Antônio Carlos dos Passos, o Toninho, líder do conjunto.

O conjunto se formou quase que por acaso. Os músicos, todos integrantes da Associação Atlética Volantes da UFSC, reuniam-se à noite para tocar em botecos, sem compromisso. A ideia nasceu de uma dessas noites e foi concretizada dentro da Associação. O grupo é formado por Toninho e Mazinho no violão; Luís Henrique, sino; Valmir, cavaquinho; Carlos, maraca; Lauri, trombone; Edson, tamborim; Laerte, paulistão e Toninho, timbadeira.

A animação dos músicos é grande, como observa Toninho: "depois que tá tudo de cara cheia, esquenta mais ainda". Mas o trabalho deles não é só festa. Com ensaios semanais, o grupo toca na Universidade, animando festas de funcionários e de Centros, e às sextas-feiras se apresenta na sede da Associação. "Queremos com isso chamar mais sócios", disse Toninho.

Um convênio com o DAC, Departamento de Assuntos Culturais, tem dado incentivo à continuação do trabalho do conjunto fornecendo camisas e libe-



O grupo surgiu de reuniões informais

rando dinheiro para a compra de instrumentos. "O DAC tá dando muita força pra gente", revelou Toninho.

ASSOCIAÇÃO

A Associação Atlética Volantes da UFSC foi fundada em 1969 e conta atualmente com cerca de 500 sócios. Possui estatuto próprio e diretoria, eleita por voto direto, com mandato de dois anos. Fazem parte da diretoria doze cargos: presidente, vice, dois secretários, dois tesoureiros, diretor de esportes e um conselho fiscal, composto de cinco membros. Além disso, um orador, escolhido pela diretoria, representa a associação em solenidades.

COanatra, dominó, sinuca, futebol de campo e de salão é o que a associação

oferece aos motoristas na área de esportes. Também promove festas natalinas com distribuição de presentes aos filhos de associação e distribui material escolar no início das aulas. Eventualmente são promovidas exposições de Pássaros pela Associação. Promoções festivas, mensalidades e um bar arrendado garantem a sua manutenção. "O associado compra a bebida aqui com desconto. A bebida é vendida com pouca margem de lucro. Tudo em benefício do sócio", disse um membro da diretoria.

A sede, localizada ao lado do DSC, Departamento de Serviços Comunitários, na Avenida Capitão Romualdo de Barros, está sendo ampliada. Estão sendo construídas uma cancha de bochas, uma churrasqueira e uma pista de dança, com banheiros.

Biblioteca Pública

enfrenta problemas

por falta de espaço

"Depois de 130 anos de vida, a Biblioteca Pública está renascendo". É o que afirma a diretora do estabelecimento, Maria de Lurdes Schmidt Ramos. "Estamos tentando, em conjunto com todos os funcionários, organizar completamente este patrimônio cultural de Santa Catarina, que para muitos não significava. Estive recentemente no Rio de Janeiro, na Biblioteca Nacional, fazendo contatos com técnicos especializados em restauração, avaliação de acervos e em catalogação. Também estamos em contato com o MEC (Fundação Pró-Memória) e com o Governo do Estado (Fundação Catarinense de Cultura) para conseguir os recursos financeiros".

O acervo da Biblioteca Pública é de aproximadamente 51 mil volumes. Por falta de espaço físico, cinco mil volumes considerados peças raras estão, hoje, no Centro Integrado de Cultura. O prédio da Biblioteca Pública fica localizado na Rua Tenente Silveira, junto à Secretaria de Cultura.

Maria de Lurdes diz que "o prédio foi construído para a Biblioteca e deveria ter seis andares, mas por problemas de fundação reduziram para três. Além disso a Secretaria de Cultura tomou substancialmente o nosso espaço, fazendo com que a gente não consiga organizar metodicamente o acervo. Fazendo também com que as pessoas que vêm pesquisar, muitas vezes, sentem no chão".

Em julho de 1984, um grupo de pesquisadores liderados pelo estudante de Agronomia, Eduardo Antônio Ribas Amaral, elaborou um abaixo-assinado com mais de 300 assinaturas contestando a diminuição do espaço físico da Biblioteca Pública do Estado para dar lugar a mais uma sala da Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo. O grupo mobilizou toda a comunidade através dos meios de comunicação e conseguiu que fosse devolvida a sala. Na ocasião o Secretário Artenir Werner disse aos componentes do grupo que a Secretaria tinha um projeto para a construção de prédio próprio, mas que levaria algum tempo para a obra ser concretizada.

Editora universitária estimula produção

Embora seja um organismo recente dentro da Universidade, a Editora da UFSC já publicou em seus três anos de atividades um número total de 93 obras, além de ser responsável pela publicação semestral de seis revistas ou periódicos. Segundo seu Diretor Executivo, professor e escritor Salim Miguel, "a nossa atuação ao longo desse período tem sido no sentido de servir a comunidade universitária, divulgando suas realizações, ideias e preocupações."

Considerada uma editora pequena, comparada com as de outras universidades do país, ela ainda assim é uma das que mais produz. Em 1984 foram editados 37 livros e a previsão para o I Semestre de 85 é de 20 livros, dos quais 5 sairão até março. Foram publicados em dezembro último 3 novos livros: um da série Didática — "Educação Física", de Alberto S. Madureira; "História de São Francisco do Sul", de Carlos da Costa Pereira, em co-edição com a Prefeitura Municipal daquela cidade; e "Prisão: um Paradoxo Social", de Odete Maria de Oliveira, em co-edição com a Assembléia Legislativa do Estado de SC.

Qualquer pessoa a que deseja ver sua obra publicada, mesmo que não seja necessariamente aluno, professor ou funcionário,

pode encaminhar um original à apreciação do Conselho Editorial. Uma vez verificada a área de conteúdo a que pertence o original, um membro do Conselho será designado para apreciá-lo individualmente e dar seu parecer. Nos casos em que nenhum dos membros tiver conhecimento suficiente para examinar o original, o Conselho pedirá o parecer de um conhecedor específico do assunto.

Para que um original seja aceito pelo Conselho Editorial, há que se observar alguns requisitos e procedimentos básicos. A primeira exigência diz respeito ao conteúdo. O original deve obrigatoriamente se enquadrar em uma das três séries de publicações existentes, que são a "série didática", a "série textos básicos" e a "série criação literária".

Outra questão se refere à qualidade do original. "Um autor que não sabe escrever uma linha sequer não pode pretender que publiquemos seu original", salientou o professor Salim Miguel, demonstrando a preocupação em produzir com qualidade.

Além disso, o tempo também se constitui em um importante argumento na recusa de publicações. O autor que quiser publicar seu livro terá que esperar na fila até que chegue a sua vez, pois a Gráfica da Universidade, além de servir à Editora, tem que fazer todo o serviço de impressão de cartazes, planfletos, etc... Agravando

esta situação, ainda resta o acúmulo de serviço provocado pela greve dos professores em 84.

Caso venha a publicar um livro, o autor deverá assinar um contrato de 10 cláusulas que regulamenta as relações entre as duas partes. Por esse contrato, a Editora se torna proprietária da edição bem como dos direitos autorais. Ao autor, assiste o direito de obter 10% sobre o lucro da tiragem do livro.

O número de exemplares a serem publicados fica a cargo de uma pesquisa de mercado que visa projetar a possível penetração do livro publicado. Geralmente esse número varia de 1.000 a 3.000 exemplares.

As obras publicadas não são encontradas apenas na UFSC. A editora possui distribuidores oficiais no Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul. Além disso a Editora da UFSC participa do recém-criado Programa Inter-universitário para Distribuição do livro, que através de postos de venda e livrarias universitárias, comercializa livros publicados por todas as editoras universitárias do país.

Assim, se você criou uma obra e deseja vê-la publicada, mãos à obra.

Texto Final (Cleber Nazareno Silvestrin)

Reportagem (João dos Passos Martins Neto), (Geni Joana de Andrade).

COMUT: um serviço

pouco conhecido

do grande público

Com um acervo de 66 mil títulos e 160 mil exemplares de livros, a Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina atende diariamente cerca de 3500 usuários. Dentre seus vários setores dois pouco conhecidos e interessantes: o Setor Catarinense, com seu acervo doado por famílias tradicionais do Estado. Lá estão as bibliotecas particulares das famílias Lucas Alexandre Boitex, Almirante Carlos Augusto Carneiro e Desembargador Edmundo Luiz Pinto. O outro setor é o de Sistema de Comutação Bibliográfica, o Comut. Trata-se de um Banco de Dados onde obtêm-se cópias de documentos pertencentes a outras instituições do gênero, no Brasil, e no Exterior. Junto ao Comut funciona a pesquisa On-Line que consiste em levantamentos bibliográficos por computador com base de dados dentro e fora do país. É o serviço mais caro da biblioteca. O preço oscila entre Cr\$ 35 e 100 mil cruzeiros.

VÍDEO EM FLORIANÓPOLIS



Criando opções num mercado em lenta expansão

A videomania que se tornou moda, a partir de abril de 1982, nos grandes centros como Rio e São Paulo, não encontrou terreno para se expandir em Florianópolis. A capital catarinense possui apenas três vídeo-clubes e locadoras, e uma cooperativa de vídeo, o que não é um número significativo. Segundo Ricardo Erig, presidente do Vídeo Center Clube, situado na Beira Mar Norte, "as perspectivas de melhora são favoráveis, principalmente porque os cinemas da capital não possuem boas condições de projeção e som e a programação não é muito variada".

Geralmente utilizado para fugir da pro-

gramação da televisão e evitar o incômodo de locomoção até os cinemas, os representantes da classe média alta procuram adquirir os vídeo-cassetes "para transportar o cinema para dentro de suas casas" segundo um associado do vídeo-clubes da Beira Mar Norte. Apenas em raríssimas exceções o vídeo-cassete não é utilizado para o lazer, e sim para a cultura. É o caso de professores universitários que se associam para adquirir filmes para palestras, ou de pessoas preocupadas em suprir as necessidades culturais de populações que não têm acesso aos cinemas. É o exemplo da Cooperativa de Vídeo da Lagoa da Conceição. "Pretendemos formar o germe de uma associação cultural, e proporcionar aos nativos o acesso a filmes que contêm realidades diferentes, e que em cinemas não encontrariam. Por isso pretendemos exibir somente filmes culturais", afirma José Gatti, um dos responsáveis pela criação dessa cooperativa de vídeo. Diferentemente das locadoras de vídeo e vídeo-clubes, a cooperativa se formou através da venda de cotas, que possibilitou a aquisição do aparelho, e que atualmente luta pela garantia de um local para as exhibições. "Queremos o prédio do Correio na Lagoa" acrescenta Gatti. Já as outras associações de vídeo-clubes caracterizam-se pelo pagamento de uma joia e uma mensalidade, que dá ao associado o direito de adquirir dois filmes por dia e devolvê-los em 48 horas. A Cooperativa da Lagoa cobrará apenas Cr\$ 1 mil de ingresso, e nada daqueles que não puderem pagar, como é o caso de muitos nativos.

Enquanto em São Paulo se calcula um número beirando os 250 mil proprietários de vídeo-cassetes, Florianópolis possui cerca de 2 mil e quinhentos proprietários. "Em 1984, vendemos apenas 10 aparelhos, sendo que quatro deles vendidos no Natal" afirma o gerente de vendas das Lojas Pereira Oliveira no Centro.

Um vídeo nacional está custando em torno de Cr\$ 5 milhões e 500 mil à vista, o que dá direito apenas à classe média de possuí-lo. A marca mais procurada é a Sharp e depois a Phillips, ambos montados em Manaus. A Sharp utiliza o sistema Vídeo Home System — VHS — enquanto

que a Phillips utiliza o sistema V 2000, sistemas que se diferenciam no enrolamento da fita em torno da cabeça de gravação.

Segundo o presidente do Vídeo Clube do Brasil, os filmes mais procurados pelos associados são os sucessos de bilheteria dos EUA: "Indiana Jones", "De volta ao inferno", "Os caçadores da arca perdida" e o nacional "Bete Balanço". Já os filmes que exigem um maior raciocínio do telespectador, como "Mephisto", tem pouca demanda. "A preferência é pelos filmes comerciais" afirma Ana Lúcia Trindade, secretária do Vídeo Clube do Brasil.

"A videomania invadirá Florianópolis também, principalmente agora que as empresas estão substituindo os obsoletos áudio-visuais pelos vídeo-cassetes" afirma Ricardo Erig. A Petrobras já o fez, e a Embravideo está aplicando Cr\$ 80 milhões no campo da pós-graduação. Mas enquanto a febre não atinge Florianópolis, podemos assistir a verdadeira batalha que travam as empresas produtoras de vídeo-cassetes pela conquista do mercado. (Valentina Nunes).

Videomaníacos da UFSC preferem Rock

Queen, Beatles, Rolling Stones, Pink Floyd, Vitor ou Vitória, Fama, Psicose II, Bye, Bye Brazil. Esses são alguns dos filmes que foram exibidos na Igrejinha no ano de 1984. Uma das atividades do Núcleo de Atividades Artísticas (NAA) da UFSC, funcionando desde novembro de 1983, as sessões, em vídeo-cassete, têm atraído os amantes de cinema. "Está sempre ocupado. A concorrência pelo espaço é muito grande", diz Cláudia, bolsista do Núcleo que antes exercia a mesma atividade no Departamento de Línguas e Literatura Vernácula (LLE). "O Toni, funcionário do Núcleo, me convidou porque sabia que eu operava aparelhagem de vídeo-cassete e gostava do trabalho", diz ainda. A aparelhagem está disponível a

qualquer pessoa, seja para sessões dialéticas ou não. Para isso basta mandar um ofício ao NAA reservando o espaço.

Os filmes são alugados de dois vídeos-clubes — vídeo Center e Vídeo Mania. "Os critérios de escolha dos filmes são de acordo com a atualização deles, que não é constante, diga-se de passagem. Santa Catarina está muito isolada e a gente não tem acesso a filmes. Os filmes de qualidade que vêm do exterior não chegam aqui. Eles ficam no Rio e em São Paulo", explica Cláudia. As sessões funcionam de terça a sexta-feira, às 12h30m, e, às vezes, quartas às 18h30m. São dois filmes por semana, geralmente um musical e um filme de outro gênero. A frequência maior é nos musicais, que exibem muitos conjuntos de rock. "Tem muito rockeiro na universidade", alega ela.

"Gosto de cinema. Pena que a gente não tenha uma sala de espetáculos maior, como o Convivência, para dar melhores acomodações para o pessoal. Eu acho uma sacanagem as pessoas terem de se sujeitar a aquele tipo de condições", diz ela, trabalhando há vários meses exibindo filmes. Mas, apesar disso, ela acha que vale a pena pelo espetáculo que se proporciona. As pessoas gostam e dão sugestões de filmes. "A gente admite que as cópias são de pouca qualidade. Nem todas, porém. Têm cópias boas. O que acontece é que o pessoal copia através de pirataria, então nunca sai muito bem", lamenta.

As exhibições de filmes no Núcleo foram interrompidas durante as férias, voltando com o reinício das aulas. Na primeira semana de fevereiro foram exibidos três musicais gravados no Núcleo, "só pra esquentar os motores" — John Lennon, Queen e Chico Buarque, todos produzidos pela Rede Bandeirantes de Televisão.

O Núcleo está montando um acervo próprio, que já tem três musicais (John Lennon, Queen e Chico Buarque), o filme 2001, exibido pela Rede Globo de Televisão, e uma série de 20 filmes, em 16mm, que o Departamento de Biologia conseguiu da BBC de Londres durante a greve de professores de 1984 e a RBS gravou em vídeo-cassete. Dos filmes, treze são "A vida na Terra" e sete "As viagens de Charles Darwin". (Irene Huscher)

Museu mostra no que se transformou a UFSC

Logo à entrada do Campus Universitário há um prédio amarelo que traz bem acima de sua porta de entrada as palavras "MUSEU DE ANTROPOLOGIA". Na verdade, o nome continua lá por pura displicência dos responsáveis, pois há algum tempo se chama "MUSEU UNIVERSITÁRIO".

Inaugurado em 1968, com a denominação de "INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA", o Museu Universitário "constitui-se num centro de ensino e pesquisa, voltado para a questão do homem catarinense". Composto de quatro setores, o Museu remonta à história de Florianópolis e de Santa Catarina, desde estudos dos povos pré-históricos através de sítios arqueológicos, até a reconstituição do modo de vida dos habitantes através de maquetes.

Quando foi idealizado e criado pelo Dr. Osvaldo Cabral, o Museu (na época um Instituto) tinha como principal atividade a preservação de artefatos indígenas, através de pesquisas arqueológicas realizadas por peritos da Universidade. "No campo da pesquisa, o antigo Insti-

tuto de Antropologia, hoje Museu, realizou importantes descobertas e salvamentos arqueológicos", ressaltava Neusa Broemmer, Diretora do Museu. Especialistas em Antropologia, da UFSC, desenvolveram um projeto, voltado à região do Vale do Itajaí, que viabilizou a descoberta de Sítios Pré-Cerâmicos e Cerâmicos de alto valor cultural, explica ela, "além dos trabalhos desenvolvidos na área do Alto Rio Uruguai, município de Chapecó, em 1980, financiados pela ELETROSUL, e da descoberta e preservação dos Sambaquis".

"Infelizmente a parte de pesquisa não é mais realizada", comenta a professora Broemmer, "depois da Reforma Universitária, o órgão foi transformado em Museu e vinculado ao Gabinete do Reitor, perdendo assim toda a autonomia. Isso faz com que as pesquisas tenham que ser financiadas por empresas interessadas, como ocorreu com o projeto do Alto Rio Uruguai", esclarece ela.

A exposição das peças que resultaram das descobertas dos Sítios Arqueológi-

cos, Sambaquis e de artefatos produzidos pela população indígena ainda existente em nosso Estado, possibilita uma maior compreensão de nossa formação étnica.

O BRUXÓLICO

Se na parte de pesquisa o Museu não realiza mais grandes feitos, na parte didática é bastante rico. Em seu pátio interno, Setor de Cultura Popular, existe um engenho de cana-de-açúcar e um de farinha, em tamanho natural, além de carros-de-boi que eram utilizados pelos açorianos e, hoje, pelos pescadores da Ilha. Essas peças possibilitam uma lição mais real do exposto pelas maquetes que se encontram no interior do Museu.

As maquetes formam uma verdadeira obra de arte. Ainda no Setor de Cultura Popular, pode ser vista uma amostra da obra de Franklin Joaquim Cascaes. O Professor Cascaes fez bonecos de barro, canoas, engenhos, casas e igrejas, de madeira e palha, que juntos parecem ter vida. O conjunto da obra forma comunidades de bonecos que dão a impressão de animados. É como se fosse um documentário filmado, que conta, com inigualável

precisão, a maneira que os pescadores e os agricultores — às vezes representados numa só pessoa — vivem em nosso Estado e, mais precisamente, na Ilha. "Temos na obra de Franklin Cascaes uma riqueza incomensurável", diz Neusa Broemmer, "ele conseguiu recriar com seus bonecos a totalidade cultural de seu tempo. Retrata os 'colonos anfibios', como ele próprio denomina os pescadores, aqueles que trabalham ora na terra, ora no mar".

O Museu Universitário já foi importante órgão de pesquisa dentro da Universidade. "Antes o Museu cumpria a principal função de qualquer órgão universitário, que é o de produzir conhecimento", ressaltava a Professora Broemmer, "fazia isso através das muitas pesquisas arqueológicas e antropológicas que realizava; hoje, é um local dentro do Campus onde se pode ver os resultados dessas pesquisas. O Museu retrata o que transformou a Universidade em geral: um lugar onde se pode ver resultados de pesquisas que aqui foram realizadas, nada mais". (Francisco Kuneski).

TATUAGEM

"Tatuagem é a maior loucura, é uma viagem. O que eu acho é isso aí: não sai mais do corpo". Para Carlos, o Gan, tatuado da Lagoa da Conceição, viajar significa transpor tempo e espaço sem sair do lugar. Há nove anos em Florianópolis — ele veio do Rio — Gan gosta muito do que faz. "Depois que esquenta a mão é o maior barato. O lance é que eu gosto e depois que a tatuagem pega e tu vê o teu trabalho é o maior barato", revela ele. Pegar é o termo usado pelos tatuadores para dizer que a tatuagem cicatrizou.

As tatuagens podem ser feitas à mão ou à máquina. As de Gan são feitas à máquina, mais eficiente e mais rápida. "A mão limita muito o trabalho e depois a pele vai reagir, inchar. Tem uma hora que você não vai enxergar direito. A máquina, de repente você sente a dor lá em cima e eu já tô embaixo", diz ele. A máquina, que não é maior que um barbeador elétrico, não existe aqui no Estado. A dele foi trazida do Rio. "É tipo uma caneta elétrica", diz. O material usado, tintas orgânicas, são trazidas de São Paulo e importadas, o que encarece a tatuagem.

Gan não vê a tatuagem como simples modismo, mas concorda que a procura aumenta no verão: "no inverno a maioria das pessoas esquece a tatuagem. Chega verão, dá uma batida na cabeça das pessoas, é uma febre". Para ele, as pessoas fazem tatuagem por diversos motivos. "Tem a ver com a personalidade e o estilo de vida. Um

surfista vai querer coisas do mar. Um voador vai querer gaivotas, essas coisas", diz. Segundo ele, a tatuagem não tem limites de sexo e idade. "Sou procurado por pessoas de todas as idades, desde o menor até o coroa. E de todos os sexos. Todos os sexos mesmo", diz.

A tatuagem tem seus segredos e exige alguns cuidados especiais. A cor da pele, por exemplo, quanto mais clara, mais colorido fica. "Pessoa de cor não pega colorido de jeito nenhum", revela Gan. Os cuidados, feitos durante uma semana, são evitar banho quente em cima, sol, mar, coçar o local e o próprio suor. "O processo de cicatrização tem que ser super bem feito", diz ele. É recomendado o uso de uma pomada, cicatrizante e antibiótica, até cair a primeira casca. E há também os cuidados antes de se fazer a tatuagem, como limpar a máquina com água (o álcool causa dor e entra em reação com a tinta) e deixar o músculo relaxado. "Se a pessoa fica tensa acaba desmaiando. O cara pode ser o maior fera, mas vai machucando um pouquinho", informa Gan.

IRREVERSÍVEL

"A tatuagem é uma marca e simboliza um registro, um traço", diz Ecy Lima Barreto, psicóloga e professora do Departamento de Psicologia da UFSC. Para ela, vários são os fatores responsáveis por essa forma de expressão, bem como o tipo de tatuagem escolhido. Os mais típicos são:

personalidades exibicionistas, adolescentes como forma de irritação e reação defensiva, o modismo, certos tipos de profissão onde o corpo é evidenciado, certas seitas religiosas, etc. "Além desses fatores há também um desejo de chamar atenção sobre si e quem sabe até a falta de informação sobre a técnica, que é quase irreversível", diz.

Segundo Roberto Amorim, dermatologista, a tatuagem não traz nenhum problema físico a quem a usa. O que pode ocorrer é uma infecção se não houver a devida esterilização do material usado. "Reação inflamatória inicial sempre existe", diz ele. Os métodos usados para remoção da tatuagem são a plástica ou, conforme a pele, a raspagem com uma lixa especial. "Mesmo assim pode deixar uma marca escura no local", observa o médico.

ESTÉTICA

Diversas são as opiniões sobre a tatuagem. Cláudio, estudante, sempre teve vontade de fazer, mas só nesse verão se decidiu. "Eu acho bonito. Quero ver um catálogo para ver que tipo tem. Eu quero fazer, só não achei a pessoa certa", diz ele. Davi, estudante, também quer um trabalho bem feito: "eu quero um cara bom. Prefiro pagar mais caro, mas ter uma coisa boa". Eve, estudante, quer fazer uma tatuagem "porque é um lance sensual". Já Mauro, engenheiro, não vê tatuagem assim. "Não vejo razão para usar isso. Não acho sen-



sual. Vejo apenas como uma pinturinha". É essa preocupação com a estética que leva as pessoas a fazer ou não tatuagem. "Eu quero uma daquelas que não aparece; só aparece quando tiro a roupa. Tenho medo que ela pode não ficar bonita e ser inconveniente", diz Eve. Chico, artesão, usa tatuagem porque acha "que é uma forma de transar o corpo". Para ele, a tatuagem já faz parte do próprio corpo. "Sem tatuagem eu me sentiria da mesma forma do que sem uma perna ou um braço". Já Sandra, desenhista, tem medo de fazer e vir a se arrepender. "Sei que no começo vou curtir, mas depois vou cansar. Eu gosto de estar sempre mudando e a tatuagem não me permitiria isso", diz ela.

Memória do Rádio Catarinense

"Mudo, surdo, cego. Assim está o passado do rádio catarinense". Este é o slogan da campanha do projeto Memória do Rádio Catarinense, lançado pelo Curso de Comunicação Social — Jornalismo, da Universidade Federal de Santa Catarina.

O projeto, que tem por objetivo resgatar e preservar a memória do rádio em nosso Estado, está sendo executado pela estudante Cirley Virgínia Ribeiro, como trabalho de graduação do curso. Segundo Cirley, a proposta de execução do projeto surgiu da necessidade de documentar a história do rádio catarinense, já que ele é um dos principais veículos de comunicação, faz parte da nossa realidade há 52 anos, mas até hoje muito pouco foi pesquisado a seu respeito. E adverte: "As únicas pessoas conhecedoras da história do rádio em Santa Catarina são aquelas que ajudaram a construí-la, seus fundadores, alguns radialistas e colaboradores. Infelizmente, o homem não é eterno e os conhecimentos que possui, se não forem registrados pela história, morrem com ele".

O projeto Memória do Rádio Catarinense está resgatando material radiofônico e histórico ainda existente: fotografias, programas de rádio, roteiros de radionovelas, discos e equipamentos, realizando também pesquisas e entrevistas com radialistas. Todo o material será catalogado e se constituirá no Museu do Rádio de Santa Catarina, provisoriamente instalado no próprio curso.

Até agora já foram doados ao Museu, pela Rádio Clube de Blumenau, que existe desde 1929, sendo a primeira do Estado e a quarta do país: duzentas e cinquenta fotografias, microfones antigos, uma gravadora de discos da época, fotos do primeiro transmissor e da primeira antena da rádio, parte de uma mesa de transmissão (RCA), duas male-

tas de transmissão externa, dois gravadores de rolo (da primeira fabricação — Phillips) e vários discos — novela, ópera, efeitos sonoros e música.

Segundo entrevistas concedidas a Cirley por 35 radialistas de Joinville, Blumenau, Florianópolis, Laguna, Tubarão e Criciúma, todos afirmam que o rádio hoje, apesar de ter evoluído tecnicamente, perdeu muito em qualidade de programação. Segundo a estudante, "a programação era muito mais dinâmica, com shows, humorismo, arte. Havia programa de auditório, radioteatro, cobertura esportiva e radiojornalismo".

Para a maioria dos radialistas, o rádio perdeu o seu espaço para a televisão, porque esta acoplou som e imagem. Cirley argumenta que o rádio não perdeu o seu espaço, pode hoje perfeitamente veicular uma programação informativa, sem precisar voltar aos velhos tempos para obter a sua dinamicidade. "É preciso mudar o conceito acerca de seu uso para que a rádio de hoje tenha história amanhã, senão a história fechará em 1960", ressalta Cirley.

APOIO AO PROJETO

Tudo isso será possível com o lançamento de uma campanha publicitária que agilizará o recolhimento do material disperso em todo o Estado. A MPM Propagandas está apoiando o projeto, além dos jornais "O Estado", "A Notícia", "Jornal de Santa Catarina" e "A Ponte" que, alternadamente, divulgarão diariamente o mesmo. Da UFSC, Cirley recebeu setecentos mil cruzeiros para viagens e contatos, e o Núcleo de Atividades e Instrução (NAI) confeccionou 30 slides. A grande colaboração é do fotógrafo Pedro Antônio de Melo que tem feito as reproduções das fotos antigas, trabalhando no próprio laboratório do curso.

A campanha, lançada em março, ficaria no ar até meados de junho, entretanto, Cirley lamenta a falta de um patrocinador para a produção de comerciais — "Começou como conclusão de curso, depois tomou proporções... Estou surpresa de ninguém até agora patrocinar o projeto".

(Gilson Gaspodini)

E ao cinema, ninguém vai?

Em uma pesquisa feita pela Embrafilme e empresas distribuidoras e exibidoras de filmes em todo Brasil, verificou-se uma queda na frequência do público aos cinemas. Se em 1980, em todo território nacional, iam ao cinema cerca de 164.773 espectadores, em 1983, esse número baixou para 106.535 espectadores.

Essa queda de público se fez mais aguda após a implantação da portaria do Concine (Conselho Nacional do Cinema), que regulamentava o preço das entradas dos cinemas conforme o dia e horário de exibição.

Para solucionar essa crise, os donos das salas exibidoras de todo Brasil se reuniram e resolveram fixar um preço único para as entradas, intermediário entre o preço de uma meia-entrada e inferior ao preço de uma inteira.

Aqui em Florianópolis, explicou Osmar Silva, gerente do Cine São José, essa medida fez melhorar um pouco a frequência, mas ficou longe de ser a solução dos problemas dos cinemas na capital. Problemas que começam pela própria manutenção das salas exibidoras, que dependem exclusivamente das rendas dos filmes, já que não há auxílio oficial. Nem para a própria Embrafilme, que é um órgão federal ligado ao Ministério da Educação e Cultura, o Governo destina verbas. A manutenção do equipamento como, por exemplo, os projetores, sai cara, porque o material nacional é de pouca durabilidade e qualidade e o equipamento importado sofre tarifas alfandegárias, que encarecem demais o produto.

Segundo Osmar Silva, outro motivo para a baixa frequência é a concorrência

da televisão, que cada vez mais exhibe filmes melhores, além da existência do vídeo-cassete. Citou o cinema no Brasil dos anos 40 e 50, quando a televisão ainda engatinhava, e houve um "boom" cinematográfico, com a criação de empresas como a Vera Cruz e Atlântida.

Além disso, os cinemas que estão fora dos grandes centros, disse Osmar, sentem a falta de qualidade tanto dos filmes exibidos como da própria qualidade técnica da exibição.

Quanto à falta de qualidade dos filmes exibidos em Florianópolis, disse que é culpa do monopólio que se forma nos grandes centros (Rio, São Paulo, Porto Alegre), onde fica o grosso dos melhores filmes, e, no que se refere à qualidade técnica, onde ficam as melhores cópias, que saem diretas dos laboratórios cinematográficos.

Quando um bom filme que foi exibido em São Paulo, por exemplo, chega a Florianópolis, passou antes, no mínimo, por uns dez cinemas. A consequência imediata, disse o gerente do Cine São José, é que o celulóide chega todo riscado e manchado, prejudicando sua exibição.

A falta de cópias, explicou ele, afeta muito os cinemas de Florianópolis, pois os únicos filmes que vêm diretamente dos laboratórios cinematográficos são alguns nacionais. A maioria dos filmes exibidos na capital vem de Curitiba ou Porto Alegre, isso após algum tempo de exibição nas respectivas cidades.

Essa falta de cópias, também decorrente da falta de laboratórios especializados — o maior é o do "trapalhão" Renato Aragão, que reproduz 120 cópias por ano — pode acarretar a extinção de alguns cinemas, como os pequenos, do interior, pela total falta do que ter para exibir.

Segundo dados da Embrafilme, em 1980 havia, em todo Brasil, 2.365 salas e, em 1983, este número reduziu-se para 1.735. Como disse Osmar Silva: "Ou a situação melhora, ou vamos todos pro brejo".

ERRATA

- 1 - À página 7, na matéria "Imprensa em SC se prende a temas elitizados;" houve erro de montagem. A matéria inicia no 4º parágrafo da 2ª coluna ("Novela...") Leia-se normalmente até o fim e volte-se até a 1ª coluna onde a matéria deveria iniciar.
- 2 - Tanto a matéria "Consciência ecológica aumenta na Ilha"(pág.3), como "Por trás da aparência um programa de TV"(pág.6) e a já referida no item 1, são de autoria de Silvana Rocha.
- 3 - Faltaram os seguintes créditos de foto: pág 2, Pedro A. Mello; páginas 4, 6 e 7, arquivo; pág. 7 ~~foto~~ superior Pedro A. de Mello; pág. 9, Ani Bargem; pág. 10, arquivo; pág.12, Cplombo de Souza.